

**Pública** 16.01.11



## As vidas invisíveis das empregadas internas

**Entrevista** João Pereira Coutinho, cronista amado e odiado **França** Marine le Pen sucede ao pai e quer desafiar Sarkozy **Música** A angolana Garda regressa 50 anos depois



## **Novo Passat. Mais do que uma ideia inovadora.**

Quando criámos o novo Volkswagen Passat, não cedemos a compromissos. Em vez disso, reduzimos o consumo em todos os veículos. O Passat TDI com tecnologia BlueMotion tem os melhores consumos e as emissões mais baixas da sua classe.

Por isso, descobrir tudo sobre o novo Volkswagen Passat também é uma boa ideia.



**POUPA NO COMBUSTÍVEL  
NÃO NAS IDEIAS**



**Das Auto.**

# sumário

## Fixos

### 7 Janela

### 9 A semana

### 10 Zoom

Burel design  
Lucinda Canelas

### 12 Pergunta-Resposta

Miguel Amado: "África é o último território da arte contemporânea"  
Susana Moreira Marques e Carlos Ramos

### 50 O que sei sobre as mulheres

Camané, fadista  
Ana Sousa Dias e Pedro Cunha

### 64 Tarot

Maya

### 66 Inquérito

Salvador Martinha, humorista  
Miguel Esteves Cardoso, Pedro Mexia e José Diogo Quintela

## Capa

### 14 Empregadas domésticas

Histórias da porta para dentro  
Luís Francisco e Pedro Cunha

### 36 Música

Entre duas gravações está a história de Garda  
Catarina Gomes e Rui Gaudêncio

### 40 Entrevista

João Pereira Coutinho: "Sou um anticomunista pelos mesmos motivos que sou um antifascista"  
Anabela Mota Ribeiro e Clara Azevedo

## 30 França



## Marine le Pen Sucedde ao pai à espera do lugar de Sarkozy

Por Jorge Almeida  
Fernandes

60



## Crónicas

### 6 Porque sim

O admirável mundo novo  
Daniel Sampaio

### 8 É muito isto

Algumas das minhas coisas favoritas  
José Diogo Quintela

### 55 Repórter à solta

Anjos de Port-au-Prince  
Paulo Moura

### 63 Nós no mundo

Quarenta e cinco sugestões  
Ricardo Garcia

### 65 A nuvem de calças

Correr pela vida  
Rui Cardoso Martins

## Estilos de vida

### 52 Moda

O talentoso sr. Ford  
Joana Amaral Cardoso

### 56 Cozinha

Assados no forno que nos alegam  
David Lopes Ramos e Hugo Campos

### 60 Miúdos

Bruaá: ruído na edição infantil  
Rita Pimenta

52



CAPA PEDRO CUNHA  
Directora Bárbara Reis  
Editora Margarida Santos Lopes msl@publico.pt  
Subeditora Joana Amaral Cardoso joana.cardoso@publico.pt  
Produtora Maria Antónia Ascensão mito@publico.pt  
Copydesk Rita Pimenta  
Design Mark Porter Directora de Arte Sónia Matos  
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha,  
Mariana Soares Email publica@publico.pt

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DO PÚBLICO  
DO DIA 16/01/11 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



**HOJE  
DESCONTO 6 CÊNT/LT**

**DESTAQUE ESTE VALE  
E RECEBA UM DESCONTO  
DE 6 CÊNT/LT EM COMBUSTÍVEL.**

**Todos os Domingos  
durante o mês de Janeiro.**

Consulte as condições associadas  
a esta promoção no vale de desconto.



**galp** energia

# Admirável mundo novo

## Daniel Sampaio

Q

Quando Aldous Huxley, em 1932, publicou o seu célebre livro *Admirável Mundo Novo*, deixou para o futuro uma obra que tenta demonstrar como é decisivo preservar a liberdade individual face ao autoritarismo do Estado. E quando, cerca de 20 anos depois, publica *The doors of perception*, não sabemos até que ponto tinha a convicção de estar a lançar as bases da cultura *hippie*, que viria a tornar-se tão marcante nos anos 60. Este escritor britânico – para alguns mais ensaísta do que romancista – viria a morrer em 1963, no mesmo dia em que o Presidente dos EUA John F. Kennedy foi assassinado. Antes de morrer, impossibilitado de falar, Huxley pediu por escrito à mulher uma injeção intramuscular de 100 microgramas de LSD, uma droga alucinógena então em voga, e que seria cautelosamente publicitada pela célebre canção dos Beatles *Lucy in the Sky with Diamonds*.

Apesar de ter lido vários livros de Huxley no início da década de 60 e de até ter discutido *Contraponto* e *Admirável Mundo Novo* em clube literário no final do liceu, só consegui escrever esta introdução com recurso a uma pesquisa na Internet. A minha boa memória reteve fragmentos das obras literárias de Huxley, mas esqueceu as circunstâncias da sua vida acima descritas. Num instante, o meu computador ligou-se ao Google e os dados apareceram.

Huxley estava longe de prever o que se passa nos primeiros dez anos do século XXI. A revolução da Internet garante a democratização do conhecimento, o acesso rápido à informação, a possibilidade de contacto com muitas pessoas, o entretenimento permanente. Mesmo nesta última vertente da diversão, os jogos electrónicos permitem, nas crianças, o desenvolvimento de algumas novas formas de pensar que poderão ser úteis: usando a Internet, os mais novos podem comunicar ideias e compreender questões através de novas

imagens de uma maneira que não era previsível no final do século XX; e as redes sociais, com destaque para o Facebook, permitem relacionamentos outrora impossíveis.

A questão é que tudo parece fácil, obtido sem esforço e, muitas vezes, sem a necessária reflexão. A Internet forneceu-me os dados sobre a vida de Aldous Huxley, mas nada fez sobre as emoções que senti quando o li há 40 anos, nem trabalhou, dentro de mim, a sua influência no início da minha vida universitária.

Para que uma criança triunfe no futuro, tem de ir para além da informação imediata. Tenho a convicção de que vivemos agora num admirável mundo novo e numa época de transformação, para alguns comparável à do início da imprensa ou à mudança do Renascimento, mas num momento em que também é necessário parar para pensar. Para vencer, a criança do século XXI precisa de desenvolver a sua inteligência emocional, as suas competências sociais e os recursos pessoais obtidos pela aprendizagem continuada da leitura e da escrita. Para isso, é crucial que aprenda a comunicar com pessoas reais e é decisivo que explore a vida à sua volta, primeiro em casa com os familiares, depois na escola e nas zonas próximas da habitação.

A leitura e a escrita são a melhor forma de fazer pensar e de “travar” um pouco a rapidez da vida actual. A capacidade de brincar e o jogo infantil contribuem para desenvolver a fantasia e a entrada e saída do mundo real. É pena que muitas crianças de hoje pensem que “brincar” é manipular a Playstation ou o Gameboy, sendo incapazes de inventar um jogo de “faz de conta” ou de criar uma pequena representação teatral.

O verdadeiro poder, a eficaz autoridade dos pais, reside na possibilidade de se conectarem com os filhos, não através de uma qualquer rede social, mas com recurso a uma rede de comunicação construída durante os primeiros anos da infância. Este será o admirável mundo novo. ●



**É pena que muitas crianças de hoje pensem que “brincar” é manipular a Playstation ou o Gameboy**

Psiquiatra  
d.sampaio@netcabo.pt

## Nova versão de Huckleberry Finn remove a palavra “nigger”



## a pública recomenda

### Marco Vaza A inevitável terceira parte

Depois de *Blue Harvest*, *Something, Something, Something Dark Side*, a terceira parte, como aconteceria em qualquer saga cinematográfica de sucesso, era uma obrigação. Family Guy volta a atacar o universo *Star Wars*, com *It's a Trap!*, o equivalente a *O Regresso de Jedi*, mas é menos um ataque e mais uma homenagem, com referências obscuras dignas de um fã obsessivo. Não é o melhor da série – tal como não era *Jedi* – mas está carregado do humor corrosivo, escatológico e politicamente pouco correcto que é normal em qualquer episódio da série. A adaptação das personagens ao universo é perfeita, mas quem brilha, mais uma vez, é Stewie, o bebé cabeçudo e com sotaque britânico, a fazer de Darth Vader. E, sim, Osama Bin Laden está vivo, escondido algures no deserto de Tatooine. ***It's a Trap!*** DVD disponível em [amazon.co.uk](http://amazon.co.uk), €12



### Cristina Fernandes Viagem no tempo com a música portuguesa

Os 14 programas dedicados à música portuguesa da autoria do maestro e musicólogo Jorge Matta transmitidos em 2008 pela RTP2 encontram-se finalmente disponíveis em DVD. Com a participação de diversos intérpretes (Coro Gulbenkian, Divino Sospiro, Segréis de Lisboa, Vozes Alfonsinas, Olga Prats, Miguel Henriques, entre outros) e comentadores, propõe-se uma viagem desde a música medieval até Jorge Peixinho, em correlação com os espaços que lhe serviram de palco em cada época. ***Percursos da Música Portuguesa*** Valentim de Carvalho (2 DVD) €15,90

### Manuel Carvalho Um moscatel com tempero



Há muito que o moscatel deixou de ser visto como um vinho fácil e desinteressante. Algumas obras-primas de Setúbal ou do Douro foram feitas para o confirmar. E o seu exemplo vai-se alargando. Como se constata no *Fragulho*, um moscatel duriense produzido em 2007 pela Casa dos Lagares e vendido em meias garrafas a cerca de 7 euros. Os seus aromas de casca de laranja cristalizada e a sensação final de noz que deixa na boca tornam a sua prova num prazer, antes ou depois das refeições. Tem é de ser bebido bem frio para passar no teste da sua doçura natural. ***Fragulho 2007 Moscatel*** Meias garrafas a €7 [www.fragulho.pt](http://www.fragulho.pt)

### Margarida Santos Lopes O Cairo de Mahfouz

Publicado pela primeira vez em 1945, chegou agora a Portugal *O Cairo Novo*, do único escritor árabe a ganhar o Prémio Nobel da Literatura, Naguib Mahfouz, e cujo centenário do nascimento se assinala este ano. A história desenrola-se na capital egípcia nos anos 1930 e conta a história de Mahgoub Abdel Dayim, dos seus dois amigos (Mamoun Radwan e Ali Taha) e da mulher e cúmplice, Ihsan Shihata. Como é característico das obras de Mahfouz, *O Cairo Novo* maravilha-nos com a densidade das suas personagens – animadas por ambições, corroídas por remorsos, destroçadas pelos destinos que traçaram – num tempo que, em alguns aspectos, pouco difere do actual: corrupção, cultura de dependência. Sendo Mahfouz um autor exímio no seu árabe clássico, deve ser realçada a impecável tradução para português de Badr Hassanein. ***O Cairo Novo*** Editora Civilização, €14,31



# Algumas das minhas coisas favoritas

## José Diogo Quintela

**V**

ários jornais e revistas costumam convidar pessoas para elaborarem listas sobre os seus gostos. Espero, há anos, que me peçam uma lista dessas. Já percebi que isso não vai acontecer. Portanto, sem convite, apresento por minha alta recreação uma lista das minhas coisas favoritas.

1 – Corrigir palavras ou expressões que antes usava erradamente. Como alta recreação. Eu dizia auto-recreação. O que era, no fundo, uma auto-criação da expressão. O mesmo com bolçar, que eu escrevia bolsar. À partida parece indiferente. Chamemos-lhe bolsado ou bolçado, o que interessa é que a nossa camisa fica suja à mesma. Mas eu gosto de ser corrigido e passar a dizer bem. É uma oportunidade única que tenho de sentir que fico mais esperto.

2 – Lavar as mãos. Mas com um bom sabonete. Tem mesmo de ser um bom sabonete. Não pode ter um cheiro muito intenso ou perfumado. Tem de cheirar a limpo. O fluxo de água da torneira deve ser forte, mas não exageradamente forte. Não deve ser pingado, nem um jacto que salpique a roupa toda. O lavatório tem de estar numa altura apropriada para que, ao colocarem-se as mãos debaixo da torneira, o braço e antebraço formem um ângulo obtuso superior a 120°. Menos que isso e a água escorre pelos braços para cima da pessoa. Não percebo por que é que, quando se fala em distúrbio obsessivo compulsivo, dá-se sempre o exemplo de alguém que lava as mãos muitas vezes ao dia. Só é patologia se estas condições óptimas não estiverem reunidas.

3 – Chegar à praia com mau tempo, prevendo que ainda vai abrir. A maior parte das vezes não abre, o tempo até piora. Mas quando abre permite que eu me proclame um Anthímio de Azevedo em fato de banho, com conhecimentos meteorológicos.

4 – Ver jogos de futebol americano e ficar a achar que os jogadores de futebol, principalmente os que jogam no campeonato português, são fiteiros.

5 – Concluir uma operação de *bricolage* com sucesso. Não precisa de ser muito complicada. Abrir um interruptor e arranjar o fio que está a fazer mal contacto, por exemplo. Ou pendurar um quadro. Mas dos grandes, em que seja preciso usar o nível de bolha de ar. Montar um móvel do IKEA. São actividades que proporcionam uma prazerosa sensação de masculinidade. Se tiverem sido praticadas enquanto uso uma camisa de flanela com padrão xadrez, melhor.

6 – Não estacionar o carro num lugar antes do sítio onde quero ir, arriscando que irei encontrar outro lugar ainda mais perto. Mesmo que implique dar uma moeda a um arrumador. Proporciona uma descarga de adrenalina entusiasmante. Julgo que é o mais próximo que estarei de sentir a pressão dum campo de batalha, onde se têm de tomar várias decisões destas, mas com tanques.

7 – Saber o nome de uma data de capitais de países estranhos. E de estados americanos. Ser o único dos meus amigos que sabe que é Albany e não Nova Iorque a capital do estado de Nova Iorque. E que é Sacramento, e não Los Angeles ou São Francisco, a capital da Califórnia. Sonhar com o dia em que essa informação vier a dar jeito. Talvez ser feito refém por um grupo de guerrilheiros do Burkina Faso, que só me libertam mediante o pagamento de 100 milhões de dólares ou, em alternativa, a indicação das capitais da Califórnia e de Nova Iorque. Claro que, para isso, tenho primeiro de visitar o Burkina Faso. Cujá capital é Ouagadougou.

8 – Mudar compromissos para outro dia. Quando alguém com quem tinha uma reunião liga a dizer que afinal não se pode encontrar comigo. Faz lembrar os tempos de liceu, quando o professor da última aula do dia faltava. Mesmo que tenha de se remarcar para outra ocasião, o que interessa é que, nesse dia, fiquei de repente com uma hora livre. Que aproveitarei para lavar três vezes as mãos e empinar 12 capitais de países estranhos. ●



**Chamemos-lhe bolsado ou bolçado, o que interessa é que a nossa camisa fica suja à mesma**

*Humorista*  
zdq@zdquintela.com



# a semana

## ele disse isto



**Sobre um eventual pedido de ajuda externa**  
Não há nenhuma razão para que o FMI entre em Portugal, porque Portugal não necessita disso! O Governo não necessita disso, nós sabemos exactamente o que fazer e não precisamos que alguém nos venha dizer o que devemos fazer.  
*12 de Janeiro 2011*

**No discurso de Natal**  
Os portugueses sabem que não sou de desistir, nem sou de me deixar vencer pelas dificuldades. Pelo contrário, é nestes momentos que mais



**José Sócrates**  
Primeiro-ministro de Portugal

sinto a energia interior e o sentido do dever para apelar à mobilização dos portugueses.  
*25 de Dezembro de 2010*

**Sobre a violação da promessa eleitoral de não aumentar impostos**  
Houve um ataque ao euro, um ataque sistémico. Numa semana as obrigações do Tesouro pagavam juros de cerca de 5 por cento, e uma semana depois estavam a mais de 7 por cento. Foi um ataque à dívida soberana europeia.  
*18 de Maio de 2010*

**Sobre a viabilização do Orçamento do Estado 2011**  
Portugal não pode falhar neste momento, é o momento da verdade e temos de compreender que o que está

em jogo são os superiores interesses.  
*28 de Outubro de 2010*

**Após aprovação do Plano de Austeridade**  
Eu não peço desculpas por cumprir o meu dever.  
*18 de Maio de 2010*

**Em entrevista à SIC**  
A crise é global e gravíssima, daquelas que se vive uma vez na vida.  
*5 de Janeiro de 2009*



## aconteceu

### prémios

**FIFA coroa Mourinho**  
O actual técnico do Real Madrid, José Mourinho, foi o primeiro a receber o novo prémio de melhor treinador instituído conjuntamente pela FIFA e *France Football*. Em 2010, Mourinho sagrou-se campeão europeu e ganhou tudo o que havia para ganhar em Itália, quando treinava o Inter de Milão.

### vitórias

**O trompetista Silva**  
Pedro Silva tornou-se no único português (e um dos quatro trompetistas) entre os 104 membros da Orquestra Sinfónica do YouTube, depois de vencer audições conduzidas via Internet. A estreia está marcada para a Ópera de Sydney, na Austrália, em Março. Finalista de uma licenciatura em Música na Universidade do Minho, Pedro Silva nasceu há 20 anos em Santa Maria da Feira. Já havia sido escolhido para integrar The Worlds Orchestra 2010/11.

### prisões

**Ex-congressista Delay**  
Tom Delay, antigo congressista e líder da maioria republicana na Câmara dos Representantes, foi condenado a três anos de prisão



**Carlos Castro (1945-2011)**

Um cronista social polémico, uma morte violenta, um jovem modelo num luxuoso quarto de hotel em Nova Iorque. Desde sábado, dia 8, o país tem estado a debater o crime no Intercontinental, em Manhattan, e os contornos escabrosos e as circunstâncias do homicídio de Carlos Castro aos 65 anos. Teve mais de 30 anos de carreira, da organização de eventos à escrita de livros, mas foi sobretudo pelos relatos sobre a vida dos outros – sob o registo do mexerico, da crítica ou da insinuação –, que se tornou no mais conhecido cronista social dos nossos tempos. Renato Seabra, o modelo de 21 anos que o acompanhava na viagem, está acusado de homicídio em segundo grau numa história que parece saída de um filme. A procuradoria-geral de Nova Iorque pode ou não confirmar essa acusação.

pelos crimes de branqueamento de capitais e conspiração. Delay passou 22 dos seus 63 anos no Congresso dos EUA, tendo sido um dos homens mais poderosos de Washington e um dos arquitectos da “revolução” que levou os conservadores ao poder.

### mortes

**Vítor Alves**  
Um dos capitães da revolução de 25 de Abril de 1974, Vítor Alves, morreu de cancro, aos 75 anos, no Hospital Militar, em Lisboa. O funeral realizou-se no Cemitério dos Olivais. O corpo foi cremado.

### Peter Yates

O realizador britânico Peter Yeates morreu de doença não revelada aos 82 anos, em Londres. Foi duas vezes nomeado para o Óscar, mas poucos filmes terão marcado tanto o seu tempo como *Bullitt* (1968).

### nascimentos

**Quarto filho dos Beckham**  
Victoria e David Beckham anunciaram que vão ter o quarto filho no Verão. A ex-Spice Girl e o astro do futebol inglês já são pais de três rapazes: Brooklyn, 11 anos, Romeo, oito, e Cruz, cinco. Estarão “emocionados” por irem ter mais um irmão ou irmã.

# Burel design

*Beleza Americana*. É o filme de Sam Mendes que o banco de Inês Brito parece evocar. Mas só quando os folhos são vermelhos, como as pétalas de rosa que caíam, em câmara lenta, sobre o corpo de Mena Suvari no sonho de Kevin Spacey. Lembra-se? Não sabemos se a designer se inspirou no filme para criar esta peça da colecção Tertúlia que a empresa PDF – Penhas Douradas Food & Factory tem à venda numa pequena loja da Rua Nova do Almada, em Lisboa. O que sabemos é que, com ela, ajuda a reinventar o burel, um tecido artesanal português que é 100 por cento lã, durável e resistente.

Com a marca Burel Penhas Douradas Factory, a empresa lançou uma linha de produtos que inclui, além dos bancos Tertúlia, tapetes, cestos do pão, cobertas, pastas para computador e acessórios. Os produtos saem das mãos de três costureiras experientes que trabalhavam em fábricas de lanifícios de Manteigas, que entretanto foram fechando. É na Sala das Linhas – o atelier onde se molda o burel que há séculos faz parte da cultura da serra da Estrela – que dão forma ao tecido em seis tipos de ponto com nomes ligados à região: favos, leivas, rosetas, rasas, telhas, folhos, canais, pregas e cortes. “No atelier trabalhamos o burel que vem da última das fábricas antigas da vila, a Lanifícios Império”, diz Isabel Alves da Costa, responsável pela PDF, explicando que na Sala das Linhas não há mulheres a carrear, a cardar ou a fiar a lã, palavras que parecem estar hoje longe do nosso vocabulário.

O objectivo da empresa é aliar esta tradição às criações de jovens designers agora chegados ao mercado de trabalho ou que nunca tinham explorado este material, acrescenta. “Queremos mostrar que o burel é um tecido português muito nobre, que não serve só para fazer capas de pastores.” A avaliar pelas propostas dos designers – Inês Brito, Gonçalo Campos, Sara Lamúrias ou Daniel Vieira –, o burel tem ainda muito por revelar. Se preferir a natureza ao cinema, e quiser trocar *Beleza Americana* pelos carvalhos ou castanheiros da serra, este banco existe em verde. ● **Lucinda Canelas**

**Banco Tertúlia, de Inês Brito**  
PDF – Penhas Douradas Food & Factory  
Lisboa, Rua Nova do Almada, 103  
Tel.: 21 245 6910  
2.ª a dom., 11h às 20h  
[www.saberesefazeresdavila.pt](http://www.saberesefazeresdavila.pt)

€260 (banco baixo, 50X35X45cm)  
e €265 (banco alto, 50X30X75cm)



[lcanelas@publico.pt](mailto:lcanelas@publico.pt)

# Até 31 de Janeiro

# Saldos-50%

Tudo em 10 vezes sem juros! TAEG 0%\*

**2** Relax  
eléctricos  
incluídos

Entrega imediata

~~4.980€~~ -50% **2.490€**

Ector em pele Family® beige 68  
3 lugares com 2 relax eléctricos + 2 lugares | 2.490€

Tambem em promoção em pele branca 3, castanha 191, preta 230

**ALGARVE** Tel. 289 561 438  
**BATALHA** Tel. 244 766 906  
**COIMBRA** Tel. 239 433 210  
**FUNDAO** Tel. 275 774 402  
**GAIA** Tel. 223 743 767  
**GOUVEIA** Tel. 238 494 699  
**LISBOA** Tel. 217 993 939  
**ABRIMOS AO DOMINGO**

**MONTIJO** Tel. 212 329 203  
**PORTO** Tel. 226 053 597  
**SEIXAL** Tel. 212 508 090  
**SINTRA** Tel. 219 169 620  
**BRAGA** Tel. 253 254 395  
**NOVAS ABERTURAS:**  
**LISBOA EXPO** - Tel. 217 971 497  
**AMADORA - DOLCE VITA TEJO** - Tel. 217 935 775

PELE  
100%  
NATURAL

**Chateau d'Axx®**

ITALIA

FABRICANTE DESDE 1948

Estamos à sua disposição através do número azul

**808 232 500**

de 2ª a 6ª das 9.00h às 18.00h

[www.chateaudax.pt](http://www.chateaudax.pt)

Mais de 250 lojas exclusivas em toda a Europa

# Miguel Amado

## África é o último território

*A Fundação PLMJ inaugurou em Lisboa Idioma Comum, amostra da sua colecção de arte contemporânea dos países da CPLP. O comissário, como os artistas expostos, tem raízes em muitos lados.*

Texto Susana Moreira Marques Fotografia Carlos Ramos

**Quando começou a fazer pesquisa para a Fundação PLMJ [instituição cultural ligada à sociedade de advogados com o mesmo nome] nas cenas artísticas dos países africanos de língua portuguesa, o que procurava?**

Não queríamos começar por aquilo que é o habitual, indo à procura de uma arte com uma vertente étnica ou muito ligada a tradições locais, mas tentar encontrar artistas que, mantendo as suas raízes e abordando os problemas dos contextos em que vivem, têm uma linguagem contemporânea, entendível em Luanda, em Lisboa, em Nova Iorque.

**Os jovens artistas nestes países já não estão amarrados aos estereótipos do que se espera que seja a arte africana?**

Não. Muitos deles já nasceram depois da independência: os laços com a ex-metrópole não se fazem sentir e eles fazem a crítica dessa relação que existiu durante séculos. Por outro lado, são artistas que falam muito do período de guerra civil e do pós-guerra. Vivem sobretudo nas capitais e têm uma linguagem muito próxima daquilo que nós entendemos como cultura urbana. Por exemplo, há um artista de Luanda que agora vive em Lisboa, o Yonamine, cuja linguagem é a dos *graffiti* e das iconografias pop. Eu fiz uma exposição com ele em Nova Iorque e ele tem uma linguagem que as pessoas em Nova Iorque reconhecem, que remete por exemplo para artistas como o Basquiat.

**Como é que surgiu essa exposição em Nova Iorque?**

Embora trabalhe na fundação PLMJ e faça outros trabalhos em Portugal, vivo em Nova Iorque, e nos últimos cinco anos tenho vindo a desenvolver residências em museus ou instituições. De Setembro de 2010 até ao Verão de 2011, sou comissário em residência no Abrons Art Centre, no Lower East Side, em Manhattan, onde tenho agendado vários momentos de programação, o primeiro dos quais foi em Outubro com as exposições do Yonamine e de uma artista mexicana. A mim interessa-me a produção artística para além do cânone ocidental. Cada vez mais trabalho sobre os efeitos

da globalização e a arte do outro mundo, isto sem ser levado pelo fascínio pelo exótico, que era aquilo que levava os europeus a viajar pela África, o Médio Oriente ou a Ásia. Já não é o fascínio do exótico, é o entendimento de que não há um centro – há vários e as produções destes centros são tão ou mais relevantes para a percepção de um mundo onde a diáspora e os fluxos migratórios são muito importantes e onde a construção de identidade já não passa só pela nacionalidade.

**Em Nova Iorque, depois da moda da China e da Rússia, há um particular interesse por África?**

Sim. Os comissários de exposições andam sempre à procura da próxima novidade. Primeiro, foi a América do Sul; depois, a Ásia – a China e a Índia; nos últimos anos, o Médio Oriente, com o ressurgimento da ligação entre arte e política; África é hoje, em 2011, o último território, entre aspas, por descobrir. A África de expressão portuguesa ainda está um bocadinho ignorada e o meu papel pode ser um pouco esse: servir de interlocutor. Estou a organizar para final de Fevereiro no Abrons Arts Centre uma exposição colectiva – o título, a partir de uma frase do Guy Debord, é *Os Dias Desta Sociedade Estão Contados* e é sobre a ideia de como a crise criou uma situação no início do século de fim de século em que tudo é posto em causa – e um dos artistas representados é o angolano Kiluanji Kia Henda. É talvez o artista de que nunca tinha ouvido falar, e que conheci através desta pesquisa [nas cenas artísticas da CPLP], que mais me surpreendeu.

**A exposição na Fundação PLMJ chama-se Idioma Comum. Há um idioma comum entre estes 15 artistas?**

Há a língua portuguesa, que une esta gente toda; e partilham uma linguagem que vai para além das tradicionais representações do outro. Há muitos trabalhos sobre a experiência da diáspora, sobre a situação do artista que tem raízes em muitos lados. ●

[smmarques@publico.pt](mailto:smmarques@publico.pt)

# da arte contemporânea



# Histórias da porta para dentro

*Vivem, muitas vezes, vidas invisíveis. Tratam de casas que não são as suas, criam filhos que não são seus, partilham alegrias e tristezas dos patrões. E são, tantas vezes, o óleo que mantém a máquina familiar a funcionar. Durante muitos anos, as empregadas internas representaram uma espécie de prolongamento silencioso da era feudal. Mas os tempos mudaram.*

Texto **Luís Francisco** Fotografia **Pedro Cunha**



Henriqueta tem 87 anos, “64 ou 65” na casa onde sempre serviu e uma memória prodigiosa. Lembra nomes, sítios e acontecimentos a um ritmo imparável. Podia ter sido modelo (de chapéus), acabou por dedicar a vida a cuidar da sua “senhora”. E a cristalizar no tempo as receitas de família: já ouviu falar de favas à chau chau?

**H**enriqueta está lançada. Faz de vez em quando uma pausa, como que para pôr as ideias em sentido, evitando que se atropelem umas às outras. Como fazia com os miúdos, quando saía com eles. Depois dispara. Memórias atrás de memórias, histórias que trazem outras, nomes, locais, rostos. Henriqueta da Conceição, 87 anos, tem muito para contar e uma memória bem afinada. Em mais de seis décadas de ligação à mesma família, contactou directamente com sete gerações. E ajudou a criar várias delas. É uma daquelas empregadas internas que, literalmente, faz parte da mobília.

Quando, há cerca de dois anos, a patroa faleceu a poucos meses de completar um século de vida, já Henriqueta estava, também, limitada na sua capacidade de trabalho. Ela e Francisca Fernanda, 86 anos, que se senta ali ao lado mas é menos faladora. A decisão da família foi manter as duas na casa que fora dos “senhores”, com uma pessoa dedicada para as ajudar. E foi assim que, após décadas de dedicação ao trabalho, Henriqueta e Francisca se viram a viver a reforma num palacete nas margens de Lisboa, sob os cuidados de Lídia Brito, 65 anos, o verde do Parque de Monsanto entrando pela quinta dentro.

Elas são o exemplo vivo da imagem que fazemos das empregadas internas, as criadas de servir que conhecemos dos filmes, dos livros, das séries de televisão (*A Família Bellamy*, lembram-se?) e das vidas das classes mais abastadas. Nenhuma delas se casou, não tiveram filhos. Viveram a sua existência ao ritmo da vida dos patrões, numa teia de relações e complicitades que, vista de fora, até pode parecer sufocante. Mas que é, também, segura e tranquilizadora. Há quem diga isto mesmo do casamento...

É claro que nem todas as histórias tiveram o desfecho feliz e pacato que enforma os dias de Henriqueta e Francisca nesta casa, agora por sua conta. Abusos, injustiças, prepotência, exploração. Na versão antiga da relação patrões/empregadas internas, os primeiros faziam o papel de Deus, as segundas sujeitavam-se a tudo, muitas vezes sem terem qualquer alternativa de vida.

As mudanças sociais no país alteraram claramente este cenário no último meio século.

Primeiro, com um “progressivo decréscimo dos números oficiais relacionados com a prestação de serviço doméstico interno”, explica Inês Brasão, socióloga, docente do Instituto Politécnico de Lisboa e autora da tese *A Condição Servil em Portugal (1940-1970): Memórias de Dominação e Resistência a partir de Narrativas de Criadas*. Verificou-se, a seguir, “uma mudança progressiva para um modelo de trabalho em que o serviço doméstico é contratado ‘à hora’ ou ‘a dias’”. Mas às vezes isto não chega.

Continuam a existir famílias com empregadas internas, às vezes mais do que uma, no figurino tradicional, mas a verdade é que, com a generalização do trabalho feminino e as exigências da vida moderna, torna-se muito complicado conciliar os horários laborais com os da escola dos filhos, por um lado, e com os da empregada, por outro. A solução é ter alguém em casa que assegure as tarefas que as mães, tradicionalmente, desempenhavam.

Este novo patronato é de classe média. E não foi só por aí que o cenário mudou: em vez das raparigas chegadas da província, agora são as mulheres imigrantes que formam o núcleo desta força de trabalho. “De forma um pouco simplificada, pode dizer-se que as migrações masculinas [dos anos 1950 e 60] transformavam camponeses em operários, enquanto as migrações femininas transformavam camponesas em criadas de servir”, sintetiza Inês Brasão, em respostas enviadas por *email*. O fluxo de emigrantes do século XXI e a crescente procura de famílias com problemas de horário alterou estes parâmetros.

“Hoje em dia, a maior parte das empregadas internas são imigrantes”, confirma Carlos Trindade, coordenador do Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas e Actividades Domésticas (STAD). Isso “torna-as ainda mais dependentes”, esclarece. Ou seja, lembra Inês Brasão, “muitas destas trabalhadoras voltam a estar em condições similares [às das portuguesas migrantes de meados do século passado]”: “Falamos outra língua (as criadas de província também eram acusadas de não saber falar), estão afastadas da economia de produção formal e pretendem sair de situações difíceis da sua história familiar passada.”

### Mais procura do que oferta

Mas o paralelismo acaba aí. Nos dias que correm, a procura supera a oferta. Este é um mercado onde não há, propriamente, de- ➔

Henriqueta da Conceição (à direita) e Francisca Fernanda vivem a reforma, por decisão da família, na casa, agora vazia, onde trabalharam quase toda a sua vida







Henriqueta com o seu retrato aos 18 anos: “Os homens perguntavam ao pintor se eu era alguma estrela de cinema...” Teve pretendentes, mas nenhum a convenceu

semprego palpável. “Neste momento, são os empregados que escolhem os patrões e não o contrário”, analisa Margarida Machado, da empresa de recrutamento Home&Work. Ana Teles, da mesma empresa, completa o raciocínio: “Sempre houve procura, mesmo com a crise ela mantém-se. Antigamente era mais a classe média/alta, agora são os casais novos com crianças pequenas, que procuram o serviço doméstico e *babysitter* em simultâneo.”

A vida é a vida e ter uma empregada interna, mesmo que represente um custo (não dedutível em IRS, saliente-se), revela-se muitas vezes a única opção para quem trabalha a tempo inteiro e não consegue conciliar os horários com as exigências da paternidade. “Neste cenário de crise não temos notado grandes diferenças qualitativas”, reforça Carlos Trindade. Mesmo a crescente consciência de cidadania de quem exerce estas actividades não provoca tensões: “Só temos umas centenas de sindicalizados, não milhares. E aqui só aparecem pessoas com dificuldades... De qualquer forma, muitos dos empregadores são de classe média, normalmente não é difícil encontrar uma solução para o conflito.”

Em 2009, o STAD resolveu uma dezena de conflitos por mediação. Isso evita ir para a justiça, um processo sempre moroso. Não vão muitos casos para tribunal, só aqueles em que os patrões não querem mesmo negociar. No sindicato comenta-se a história de uma empregada despedida por SMS na noite de Natal (terá recusado trabalhar nessa data, anteriormente acertada como folga), mas ninguém avança detalhes. Neste sector, as histórias ficam dentro de portas. Mas é possível, aqui ou ali, apanhar algumas, sempre sem identificar os protagonistas.

*[O cenário parecia retirado de um filme. Na enorme despensa, ao lado dos espaços onde se arrumava todo o tipo de produtos, havia uma prateleira que destoava: nela alinhava-se uma boa dezena de aparelhos LCD de grande formato. A inusitada colecção testemunhava outros tantos episódios de crise familiar. Sempre que o casal discutia, a mulher munia-se de um martelo e destruía o televisor.]*

*Quando se mudaram para lá, as três mulheres que responderam ao anúncio, atraídas pelos bons ordenados (entre 1000 e 1400 euros mensais), começaram, a pouco e pouco, a descobrir as idiosincrasias daquele casal. Por exemplo: não se comia nada que estivesse embalado e não*

*se guardavam restos. Os iogurtes iam para a mesa do pequeno-almoço dentro de taças e tudo o que sobrava transformava-se imediatamente em lixo, mesmo que não tivesse sido tocado.*

*Os carros lá de casa também têm história. Havia um para as empregadas utilizarem nos seus afazeres, mas, como a garagem era sobre o comprido, muitas vezes a viatura de serviço ficava bloqueada pelas outras. Os patrões, compreensivos, diziam-lhes para usarem a que estivesse mais perto do portão. Até ao dia em que uma das moças desabafou que não sabia conduzir “o carro vermelho com o cavalinho amarelo”...*

*Enfim, manias todos temos, embora algumas mais caras do que outras... Mas o apogeu do dislate deu-se um dia, quando o casal anunciou que queria comemorar o aniversário de casamento junto à piscina. Dispensou a governanta e a empregada, a babysitter deitou-se com as crianças e os dois ficaram sozinhos. Aparentemente, a senhora decidiu fazer um ovo estrelado para acompanhar a picanha grelhada no barbecue. E o jantar parece ter terminado abruptamente.*

*No dia seguinte, a empregada teve de raspar restos de ovo das paredes e do tecto. A seguir, vestiu o fato de banho e passou o resto da manhã a apanhar fatias de picanha, restos de arroz e lixo diverso do fundo da piscina. Os patrões tinham deixado tudo em cima da mesa quando se retiraram; o vento fez o resto...*

*Passados seis meses, e apesar dos bons ordenados, da comida à discrição e da possibilidade de, ocasionalmente, alguma delas se sentar ao volante de um Ferrari, todas as três se despediram.]*

Uma vez que o trabalho doméstico interno é, genericamente, mais bem pago (600/700/800 euros por mês, com cama, mesa e roupa lavada) do que o estipulado (o salário mínimo de 475 euros), os conflitos devem-se, normalmente, a questões ligadas a acertos de contas relativos a férias e 13.º mês. É o caso de Lurdes Pena, 54 anos, que agora é externa, mas trabalhou em regime de interno durante muitos anos. “Vim para Lisboa com 12 anos, de Castro d’Aire, logo para trabalhar como interna. Estive sempre em casas de casais com filhos, adoro crianças!”

### **Relação de reverência**

Dos vários sítios onde trabalhou, Lurdes só guarda más recordações de uma das casas, onde a “senhora” lhe abria a correspondência e não a deixava atender telefonemas →

# MANUEL AMADO ENCENAÇÕES



14 de Janeiro a 15 de Março 2011  
das 14 às 20 horas

Entrada livre

**Sociedade Nacional de Belas Artes**

Rua Barata Salgueiro 36, Lisboa  
Encerra Domingos e feriados  
[www.snba.pt](http://www.snba.pt)

Millennium  
1991





Henriqueta (à esquerda) e Francisca (à direita) num dos casamentos mais recentes da família: ao longo da sua vida de trabalho, elas conheceram sete gerações



do namorado ou da família. Exactamente o contrário do que sucedeu na última casa onde esteve como interna: “Entrei aos 17 anos, olhava por duas crianças, fazia todo o trabalho doméstico. E estive lá três ou quatro anos, até me casar. Depois deixei de ser interna.”

Aqui, a patroa era verdadeiramente cúmplice: “Os senhores foram os meus padrinhos de casamento, era como se fosse a minha família. Quando via que eu ia sair, a senhora às vezes vinha ter comigo e dizia-me: ‘Assim, não arranjas namorado’... Emprestava-me um casaco, maquilhava-me. Dávamo-nos como família.” Ainda hoje, ela tem fotografias dos “meninos” na carteira.

Apesar desta relativa informalidade, Lurdes lembra sempre os antigos patrões como “os senhores”. E esta é uma regra praticamente imutável, que resiste ao passar dos tempos. Elsa Galvão, a actriz que dá corpo à personagem principal da peça *Fala da Criada dos Noailles*, em cena no Teatro da Trindade, em Lisboa, realça exactamente isso: “Mesmo esta criada especial, que trabalhava em casa de conhecidos mecenas das artes e conviveu com artistas nos loucos anos 1920, não deixa de demonstrar sempre reverência e admiração pela figura do ‘senhor conde’ e da ‘senhora condessa’.”

Séverine, o nome da empregada que servia à mesa e arrumava a casa mas também posava para pintores e entrou num filme de Luis Buñuel, fazia parte de um grande colectivo de criadagem na casa dos condes de Noailles. Como que para a distinguir desta massa anónima, o seu nome destoa da trupe de “ettes” que completavam a lista de pessoal feminino: Mariette, Ivette, Antoinette, Gisette, Lilette, Lisette, Anette e Josette. Os homens tinham outra individualidade: Gaston, Maurice, Jacques, Jean-Marie, Germand, François, Guillaume. Mas todos eles, digamos, só existiam em função dos seus patrões. O que nos leva de volta às memórias de Henriqueta.

A vida dela poderia ter sido diferente. Mesmo nesse tempo, apareciam oportunidades que, hoje, poucas raparigas desdenhariam. “Estive para ser modelo numa revista de chapéus, mas as minhas irmãs não deixaram.” Henriqueta mostra um retrato desenhado quando tinha 18 anos. “Os homens perguntavam ao pintor se eu era alguma estrela de cinema...” Não era. Era uma jovem que, daí a dois anos, entraria ao serviço da família que a adoptou e que ela adoptou até ao final da sua vida de trabalho. “Conheci a senhora quan-

do ainda não tinha seis anos. Aos 12, a minha irmã trabalhava para eles como cozinheira e eu vim dar colo ao meu sobrinho. Daí a uns anos acabei por ficar.”

Natural da freguesia de Mata-Cães, concelho de Torres Vedras, Henriqueta como que desapareceu para o mundo. Passava a ser da casa. Teve pretendentes, recorda com um sorriso quase juvenil num rosto espantosamente isento de rugas, mas nenhum lhe pareceu sério o suficiente para a convencer a mudar de vida. “Andar a trabalhar para eles...”, desabafa. Ali ao lado, Francisca, que era uma excelente dançarina, analisa as suas próprias recordações e completa a frase: “Só se eu fosse maluca!”

Desengane-se quem pense que isto era coisa das trevas do século XX e que hoje as realidades são diferentes. Ficar interna numa casa nunca é uma decisão de um momento só. Fabrícia dos Santos, 24 anos, trabalha na zona do Restelo há dois meses e antes já exerceu as mesmas tarefas noutra local. Não escondo que tem ideia “de fazer outra coisa” na vida, mas ainda não sabe bem o quê e, para já, está satisfeita. “Não tenho razões de queixa. Trabalho das 8h até às 19h/20h, folgo aos fins-de-semana ou à segunda e terça quando trabalho sábado e domingo. Há duas crianças e outras empregadas. Revezamo-nos nas tarefas: acordar os miúdos, levá-los à escola, passar a ferro, fazer a comida...”

Fabrícia trabalha e vive num apartamento. Mas existe uma área destinada às empregadas e, depois do horário de trabalho, elas jantam juntas e ficam fisicamente separadas dos patrões. E este não é um pormenor de somenos importância. Para muita gente da classe média, ter uma empregada interna só faz sentido se for possível assegurar alguma privacidade nas (poucas) horas que a família passa junta.

## Confiança e privacidade

É o caso de uma engenheira que pediu para não ser identificada, casada com um economista, três filhos – agora com 14, 13 e 10 anos de idade – e uma mudança de casa que lhe permitiu mudar de vida. “Quando viemos para uma moradia, passei a ter condições para ter empregada interna sem que isso afectasse a nossa privacidade. Foi há sete anos e a partir daí foi possível sair ou trabalhar até mais tarde sem correr o risco de deixar as crianças sozinhas. Já para não falar daquelas coisas do gás, água, TV Cabo, que marcam sempre para horário laboral...” →

Fabília trabalha numa casa na zona do Restelo. Está lá há dois meses e, aos 24 anos, diz que pensa um dia vir a fazer “outra coisa”. Mas, para já, não sabe ainda o quê e neste emprego não tem razões de queixa. À noite, quando os patrões estão em casa, as empregadas retiram-se para uma zona própria. A questão da privacidade é fulcral nesta actividade

A empregada actual foi antecedida por outras. “Já não existe isso da empregada interna para toda a vida, como no tempo das nossas avós. Escolhi sempre raparigas novas, porque queria que gostassem de brincar com os miúdos. Depois elas arranjavam namorado, casavam-se, iam-se embora. Mantenho relação com quase todas – há uma, que voltou para o Brasil, que manda sempre fotos do filho. Nunca tive problemas.”

O segredo, explica, é que “fique tudo bem esclarecido à partida, para evitar mal-entendidos”. E isso é um compromisso de dois sentidos. “Temos de confiar, até porque quem entra também tem de se sentir em casa, de sentir que é parte. Gente desconfiada ou muito ciosa do seu espaço não se dá bem. Isto de ter uma empregada dentro de casa não é para toda a gente!”

Às vezes, a coisa não corre bem. Helena Morgado, professora, nunca mais quis ter uma interna a partir do momento em que apanhou uma empregada a roubar lá em casa. “Sou desconfiada e muito organizada. Percebi que gavetas que não tinha fechado à chave apareciam fechadas. Até que, dois ou três dias depois de admitir a empregada, num sábado, fui ao quarto dela e encontrei coisas minhas e do meu marido, roupa... Já nem acabou o almoço, mandei-a embora. Por insistência do meu marido ainda tentei outra, mas a rapariga saía muito, ia ao ginásio, à praia, deixava a casa aberta. É sempre um risco e o que é bom para algumas pessoas não é para outras, porque temos necessidades diferentes.”

E é disto que fala Carlos Trindade quando destaca que, nesta actividade, o factor fundamental é a “confiança”. Esse vínculo existe em todas as profissões, mas aqui ganha especial relevância. “O trabalhador está na nossa casa, ele exerce a sua actividade no que há de mais íntimo da vida da sua entidade patronal.” E esta realidade pode conduzir a situações dramáticas. Ou, pelo menos, caricatas.

*[O regime alimentar naquela casa era rigoroso. Pelo menos em teoria, porque, na prática, a história era bem diferente. O homem, com uma profissão que o obrigava a passar muito tempo fora, tinha um físico avantajado. A mulher, saída recentemente de uma gravidez, também lutava contra o excesso de peso. E, por isso, lá em casa só se comiam batidos.]*

*Teoricamente, lá está. A chegada da nova empregada obrigou a rever alguns procedimentos. A rapariga não ia alimentar-se apenas dos*

*produtos de dieta que os patrões impunham a si próprios, pelo que começou a comprar a sua própria comida. Decisão infeliz: à noite, com a regularidade dos hábitos adquiridos, um dos patrões (ou os dois, sabe-se lá, provavelmente às escondidas um do outro), pilhava-lhe a despensa.*

*“Eu até gosto deles, mas sustentá-los é que não dá!”, terá pensado a rapariga. E esta constatação levou à adopção de uma estratégia mais inteligente. Com o dinheiro extra que os patrões lhe davam para comprar comida para si própria, a empregada ia ao supermercado, escolhia o que lhe interessava e escondia o “tesouro” no seu quarto. As facadas na dieta tinham os dias contados.*

*Ou não. Apiedando-se dos exacerbados apetites nocturnos daquela casa, ela não fechou completamente a torneira. Passou a deixar, sempre que se ia deitar, uns pãezinhos na cozinha, como que esquecidos, assim à mão de semear. Na manhã seguinte, sem falha, tinham desaparecido. Pudera: tendo em conta que os senhores andariam cansados, a empregada deixava-os já guarnecidos de fome.]*

Mas o que hoje é verdade não estava garantido há algumas décadas. É claro que houve figuras, digamos, serviciais que quase confundem a sua história pessoal com a da pessoa que serviam (lembramos a quase mítica Maria, empregada de António de Oliveira Salazar, o homem que governou Portugal com punho de ferro durante décadas). Mas, para a esmagadora maioria, entrar ao serviço numa casa significa para uma jovem colocar-se à mercê dos caprichos dos patrões. Inês Brasão: “A tolerância sobre diferentes formas de uso de violência, desde a física à verbal, passando pela sexual, era consensualmente aceite.”

## Sexo, esse tabu

São histórias de que todos ouvimos falar e às vezes, pela sua aparente normalidade, podem parecer inócuas. Mas também há o risco de se tornarem incómodas para quem as assume publicamente. Que o diga o candidato presidencial Manuel Alegre, que, no livro *O Miúdo Que Pregava Pregos Numa Tábua*, recorda a sua iniciação sexual com a criada. Entrevistado pela revista *Visão*, Alegre desdramatiza o episódio, entretanto muito comentado na blogosfera: “Não sei se choca, acho que é uma coisa natural por que muita gente passou.”

Natural ou não, sempre que se fala de sexo as bocas calam-se, as expressões fecham-se, →

UMA SÉRIE SOBRE A MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA DO TEMPO EM QUE AINDA HAVIA HOMENS DOS SETE INSTRUMENTOS.

**P**  
Público



9º Livro + DVD  
**Segunda,  
17 de  
Janeiro**  
Por mais €8,90

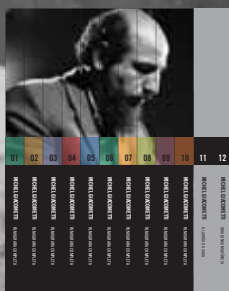
## Filmografia completa de Michel Giacometti.

Colecção de 12 volumes.

Por altura da comemoração do 20º aniversário da morte do notável etnólogo Michel Giacometti, o Público lança a série "Povo que Canta" (em 9 Livros + DVD), num total de 37 episódios. Uma série fundamental para o conhecimento do nosso património musical, produzida e exibida pela RTP entre 1970 e 1974, com realização de Alfredo Tropa. Para além desta série, esta colecção conta com 3 inéditos: 2 episódios da série etnográfica "Rio de Onor" e "Alar da Rede" (Livro + DVD) e ainda o "Ladrão do Sado" (1 Livro + 2 CD) e "Uma Longa Militância" (Livro + 1 CD).

Não perca, Segunda, dia 17 de Janeiro nono Livro+DVD por apenas mais €8,90.

Colecção de 12 Livros (10 primeiros livros acompanhados de DVD); 11º acompanhado de 2 CD e 12º acompanhado de 1 CD). Periodicidade Semanal. Dia de Saída: 2ª feira. Data de início: 22 de Novembro de 2010. Dia de Fim: 7 de Fevereiro de 2011. Preço 1º Volume: 5,90€. Preço restantes Volumes: 8,90€. Preço total da colecção: 103,90€. Limitado ao stock existente.



Francisca partilha a casa dos antigos patrões com Henriqueta e a pessoa encarregue de cuidar delas na reforma. É menos faladora, mais amarga na visão da velhice. Mas, também ela, passou a maior parte da sua vida ao serviço da família que agora a sustenta. Nunca se casou. “Só se fosse parva!”

as memórias definham. Falar de empregadas (e empregados, já agora, embora seja mais raro) internas e da sua vida no interior do agregado familiar é ir ao mais íntimo da vida de cada um. Mas passar daí para esfera do envolvimento pessoal parece ser, realmente, uma missão arriscada. Aqui, pisamos terreno minado. Até porque os tempos mudaram e agora as mulheres (mais uma vez, esse é o cenário mais comum, embora haja relatos de casos em sentido inverso) já não toleram as traições dos maridos. O problema, às vezes, é descobri-las...

*[Nunca é fácil, mas às vezes pode mesmo revelar-se a solução mais inteligente, especialmente se o ambiente em casa ameaça tornar-se destrutivo. Pouco depois de terem contratado uma nova empregada, marido e mulher separaram-se. A relação não estava boa, a vida complicava-se. O marido saiu de casa, a mulher continuou com a empregada e com os dois filhos.]*

*Estes, de vez em quando, iam passar algum tempo à nova casa do pai. Nessas alturas, a empregada acompanhava as crianças, prestando a assistência necessária para que o pai pudessem manter os seus ritmos normais de vida. Por estar disposta as estas contínuas deslocações, a empregada recebia uma verba acrescida ao seu ordenado.*

*E tudo teria continuado a correr sobre rodas se não fosse a eterna tendência das coisas para descambarem. Um dia, a mulher descobriu que a empregada estava sexualmente envolvida com o (ex-)patrão. E ficou a saber mais: a rapariga tinha minado a relação do casal contando ao amante histórias inventadas de que a patroa andava a meter homens lá em casa.*

*E acabou-se aí a história da empregada que recebia um extra no ordenado para enganar quem lhe pagava...]*

Mais uma vez, estas coisas podem funcionar para ambos os lados. Empregadas que se envolvem com o patrão, outras que só queriam que estes as deixassem em paz. Numa rara inconfidência, Margarida Machado lembra o caso em que uma jovem apareceu na empresa a dizer que queria deixar a casa onde trabalhava, porque o patrão a tinha tentado apalpar na cozinha. Ri-se. “A candidata seguinte que mandámos era uma senhora já bem acima dos 40 anos, forte e que não devia nada à beleza...”

Ser atraente não era uma condição exigida neste caso, mas às vezes há requisitos quase

impossíveis de satisfazer, admite a responsável da Home&Work. Pedir uma empregada que fale mandarim, porque é uma língua de futuro e assim as crianças ganhavam uma arma para o mercado de trabalho. Ou propor horários, pagamentos e condições que ninguém, por mais desesperado que estivesse, poderia aceitar.

São apenas exemplos de patrões que não têm a noção correcta do que o mercado tem para oferecer. Mas o mesmo se pode dizer para as empregadas que não percebem onde começa a sua independência e acaba a responsabilidade de viver em casa de alguém. Aparecer numa entrevista de emprego à boleia do namorado num Porsche Cayenne não é a melhor forma de convencer alguém de que se vai levar o trabalho a sério...

Mas, como frisam os responsáveis do STAD, o grosso dos problemas tem a ver com dinheiro. A emergência de uma nova burguesia urbana endinheirada, o estereótipo das telenovelas (onde os ricos são muito ricos e há sempre muitas criadas de uniforme lá em casa) e a artificialidade de um certo *star system*, onde se sobe muito depressa na vida e se pode cair quando menos se espera, são armadilhas no caminho das empregadas internas.

“A permanência tardia de relações servis na esfera do trabalho é sintomática de um país que alimentou até muito tarde relações baseadas no privilégio de nascença e no princípio da desigualdade natural”, aponta a socióloga Inês Brasão.

## Talentos únicos

E se é verdade que podemos encontrar na Internet os estatutos de uma Associação das Criadas de Servir, datados de 1932, e artigos na imprensa dos anos 1960 onde se dava voz aos protestos das empregadas – “Não queremos farda (...) A farda é-nos imposta para que as senhoras façam figura” –, a verdade é que a vaga recente de imigração voltou a fragilizar um dos lados da relação.

Mas também é certo que, em muitos casos, quem desempenha trabalho doméstico fá-lo sem declarar (os patrões não ganham nada com isso) e essa clandestinidade permite acumular, por exemplo, o ordenado mensal com o Rendimento Social de Inserção. Neste figurino, até dois *part-time* diários permitem ganhar mais do que num emprego normal no comércio, por exemplo...

Noutros tempos, nada disto era posto em cima da mesa. As criadas “pertenciam” à →







casa, à família que lhes dava emprego e guardada. Dependia da consciência dos patrões serem mais ou menos consideradas. No caso de Francisca, esta autoridade superior funcionou a seu favor: a mãe trabalhava para os mesmos patrões e, quando morreu, pediu-lhes que tomassem conta da filha. E eles tomaram-na ao seu serviço. Tinha ela 20 anos.

Os horários eram outra coisa. Ainda hoje, com a presença 24 horas por dia no local de trabalho, torna-se difícil respeitar os tempos de folga dos trabalhadores domésticos internos, mas tempos houve em que folgar era uma coisa rara. “Lembro-me que tinha uma tarde de domingo de 15 em 15 dias”, recorda Henriqueta. “Ia visitar a minha irmã à Parede, mas às vezes só lá chegava à hora do jantar. O meu cunhado até se zangava comigo...”

Mas, lá está, a omnipresença do trabalhador tornava-se muitas vezes a dependência do patrão. Henriqueta, por exemplo, tornou-se depositária e executora da memória gastronómica da família – foi sempre ela, por exemplo, a tratar dos almoços de Natal e não havia quem a igualasse na confecção das favas à chaudi. “Num tacho, bastante azeite e montes de centros picados, mais um dente de alho picadinho. Quando estiver a ferver, pega-se em favas muito fresquinhas, descascam-se e põem-se lá para dentro sem apanharem ar. Sacode-se o tacho segurando com um pano a toda a volta, 15 minutos sem destapar. E é assim...”

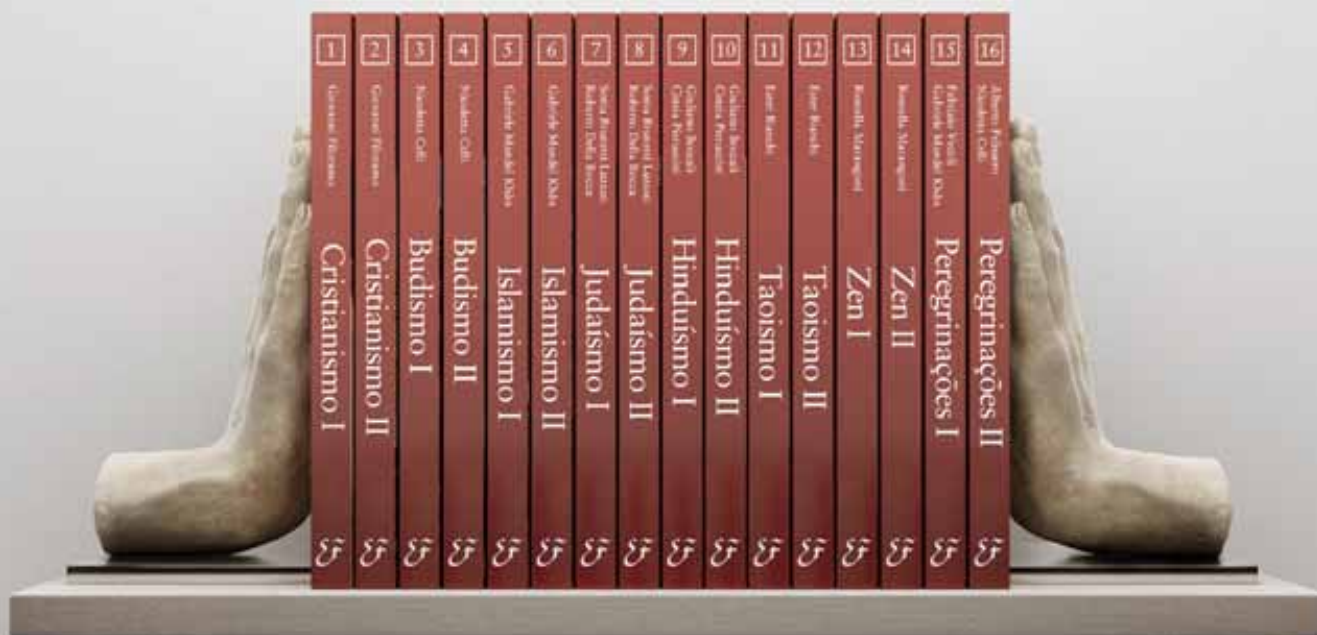
Tal como em tantas outras preciosidades, muitas vezes o segredo não está na receita, mas na forma de a preparar. E é tantas vezes à conta disso que são os patrões a ficar “reféns” do talento de um empregado.

*[O jovem diplomata cultivava aquela marca de água. Onde quer que fosse, fazia questão de pedir o seu gin tónico com especificações muito próprias. Naquele dia, em Angola, repetiu-se o ritual: estava de visita a casa de uma pessoa conhecida e, quando o empregado lhe perguntou se desejava tomar algo, enumerou as suas regras de ouro. Sem dar sinal de dúvidas, o jovem angolano retirou-se e voltou passados alguns minutos com a bebida. Estava perfeita.*

*Isto era, por si só, digno de registo. Mas o que sucedeu passados alguns meses mudou a história de duas vidas. Na sua segunda visita àquela casa, o jovem diplomata não teve, sequer, oportunidade de repetir a sua ladainha – assim que o viu, o empregado retirou-se, para lhe servir, pouco depois, mais um gin tónico absolutamente perfeito. →*

Colecção Dicionários das Religiões

# Descubra tudo o que nos une e o que nos separa.



Conheça melhor as grandes religiões mundiais. Os fundamentos, as práticas, as confissões, mas também a pintura, a música e a literatura. Uma colecção com grande riqueza interior, escrita por grandes especialistas e profundamente ilustrada. 16 volumes de culto que vão iluminar-lhe o espírito e a mente.

Religiosamente todas as Terças com o Público.

**Terça, dia 18**  
**Cristianismo I**  
por apenas  
**+3.50€**



Lurdes deixou de trabalhar como interna quando se casou, já com 20 anos. Os patrões foram seus padrinhos de casamento e ela lembra-se de a “senhora” lhe emprestar roupa para sair nas folgas. Davam-se “como família” e ela ainda tem as fotos dos “meninos” na carteira

*Por dever de cortesia – e sabe-se lá se com um tom de simpática provocação – avisou o anfitrião de que lhe ia ficar com o empregado. E ficou mesmo. Durante três décadas, o diplomata português e o seu fiel empregado angolano viajaram pelas sete partidas do mundo, a relação forjada a gin tónico transformando-se numa daquelas cumplicidades que só o passar dos anos valida.*

*Um dia, o diplomata reformou-se e regressou a Portugal. Com ele, também já entradote na idade, estava o seu fiel empregado angolano. Até que, um dia, o empregado desapareceu. Nunca mais deu sinais de vida. E esse é, ainda hoje, o grande mistério não solucionado da vida do antigo diplomata.]*

Henriqueta não desapareceu. Ficou até ao fim. Ela e Francisca, ali, naquela casa onde as memórias saltam de cada fotografia, de cada objecto, até das palavras que se vão pronunciando. Quando se aborda a sua origem “saloia”, lembra-se do ardina do Campo Santana, em Lisboa, que a tratava assim todas as manhãs e dos diálogos que, no mesmo local, trocava com o cardeal Cerejeira. “Se só nos encontrávamos na leitaria, ele percebia logo que tinha dormido até mais tarde, se fosse ainda na rua dizia que era eu que estava atrasada... O ardina avisava-me sempre: ‘O mitrinha ainda não passou!’”

### As memórias de Henriqueta

Também recorda as saídas com “as meninas”, para as acompanhar nos encontros com os namorados. “Isto não era como agora: eu estava sempre sentadinha ali ao lado. E olhe que elas nunca me pediram para eu virar costas! Mesmo que pedissem, eu não fazia... Mesmo quando elas saíam à noite, lá estava eu!”

Depois vêm as histórias dos miúdos. As tragédias, como daquela vez que um dos rapazes apareceu com um olho pendurado fora da órbita e ela pegou nele ao colo e correu pela Marginal (estavam, nessa altura, na Parede) até ao hospital, onde um médico lhe deu os parabéns e lhe disse que ela devia ser bombeira. Percebeu depois porquê: o globo ocular continuava preso ao nervo óptico e foi, por isso, possível resolver a situação sem sequelas. Se, em vez de lhe pegar ao colo, o tivesse posto por cima de um ombro, a força da gravidade teria estragado tudo. “É uma heroína”, disse-lhe outro médico.

E foi-o várias vezes. Noutra ocasião, nova urgência, mais uma criança para levar ao hospital,

sem hesitações. Após uma angustiante espera, a médica veio ter com ela. “Disse-me: ‘Dê graças a Deus, que o seu filho está salvo por milagre.’ E eu respondi-lhe ‘Ó senhora doutora, não é meu filho. Mas é como se fosse.’”

É quase impossível acompanhar à caneta esta enxurrada de recordações. Um salto em frente, episódios menos dramáticos. Para levar, sozinha, dez miúdos à praia, por exemplo. Como atravessar a linha do comboio na Parede sem apanhar sustos? “Pedi ao caseiro da quinta que me desse uma daquelas canas de bambu, compridas. E depois disse aos miúdos para agarrarem a cana. ‘Ninguém larga a cana!’, dizia-lhes eu. E assim, todos juntos, atravessávamos a linha e íamos pelo passeio ao longo da Marginal.”

Quando não havia bambus, a rápida imaginação de Henriqueta descobria outros estratagemas. “Na rua do Coliseu, uma vez estava com umas 11 ou 12 crianças. Para atravessar a estrada, não sabia como havia de os levar todos juntos. Então disse-lhes para agarrarem as bainhas do meu casaco, pequei nos mais pequeninos pela mão e lá fomos todos. Até me lembro que passou um carro e ouvi dizer: ‘Olha aquela *mademoiselle*, que esperta que ela é!’...”

Ali ao lado, Francisca desabafa: “Tenho pena de não ter a vida dela, aquela força...” E Henriqueta, do que é que tem pena? “De, nos últimos tempos, não lhe ter feito coisas que a senhora pedia. Fatias recheadas, cebolas recheadas... Ela pedia-me, mas eu tinha medo que as pessoas que trabalhavam na cozinha levassem a mal... Devia ter feito. Ela pedia-me tanto...”

Sempre a reverência, uma emoção muito especial quando fala da patroa já falecida. “Tantos anos juntas e só nos zangámos uma vez, por causa de um almoço e de a minha irmã ter falecido... Para fazermos as pazes, ofereceu-me um relógio que custava 20 contos!” Mas, e ela, nunca pensou que a sua vida podia ter sido diferente? A velha questão: se pudesse voltar atrás, mudava alguma coisa ou fazia tudo da mesma maneira?

Sem hesitações: “Fazia tudo igual. Fui feliz aqui, sempre me deixaram sair quando precisava de ir tratar da minha mãe e depois voltava. Fui sempre bem tratada. Cuidei da minha senhora até ao fim.” Faz uma pausa, baixa os olhos, segura as lágrimas. “Ainda fiz a minha velhinha muito feliz.” ●

*l.francisco@publico.pt*

Público



# A Pantera voltou pintada de fresco.



Aos  
**Sábados.**  
por apenas  
mais  
**1,99€**

## Nova Colecção da Pantera Cor-de-Rosa.

Todos os Sábados, o Público traz um novo DVD com episódios novos da Pantera Cor-de-Rosa. A música é a mesma, o humor inteligente também. Só que agora, ela perde a timidez e fala.

**Não perca os 10 DVD, a partir de 22 de Janeiro, apenas por mais €1,99 com o Público.**

Limitado ao stock existente.



THE NEW PINK PANTHER SHOW © 1986-94 Mirisch-Cosgrove. DUBBED BY THE PINK PANTHER and the Pink Panther characters are trademarks of Mirisch-Cosgrove/Mirisch-Mayer Studios, Inc. All Rights Reserved. Distributed by Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC. COLEÇÃO DE DVD 1 DVD 1,99€ PREÇO TOTAL DA COLEÇÃO: 10 EPISÓDIOS SEMANAL SÁBADO DEZ DE JANEIRO ÀS 20H DE TARDE.





# Marine le Pen: ei-la que chega

*Na família Le Pen, Marine é mais perigosa do que Jean-Marie, diz Bernard-Henri Lévy. Inventou uma “extrema-direita de rosto humano”, que faz crescer a simpatia dos franceses pelas ideias da Frente Nacional. Deverá hoje suceder ao pai.*

Texto **Jorge Almeida Fernandes**



FRED DUFOUR/AP

**Marine le Pen**  
bate-se por  
“desdiabolizar” a  
FN, fundada pelo  
seu pai em 1972

inquérito do IFOP, realizado em Dezembro, indica que 54 por cento dos simpatizantes do partido governamental – União para um Movimento Popular (UMP) – concordam com as suas ideias sobre os muçulmanos.

### Três filhas

É uma casa de mulheres num partido “macho”. Le Pen tem três filhas do primeiro casamento, com Pierrette Lalane. A mais velha, Marie-Caroline, foi a favorita, conselheira íntima e exercendo importantes responsabilidades na FN. Entrou em ruptura em 1999, quando apoiou a cisão de Bruno Mégret, a estrela ascendente do partido que entendeu ser a altura de renovar a FN e reformar Le Pen. A aventura acabou em fiasco. Marie-Caroline, após uma efêmera carreira como autarca, abandonou a política.

A segunda, Yann, foi casada com uma das vedetas do partido, Samuel Maréchal, “o senhor genro” que também entrou em dissidência em 1999. Divorciaram-se. Yann, diz Marine, é a “noctívaga” da família. A sua filha, Marion Maréchal le Pen, acaba de entrar estrondosamente na política, na FN evidentemente.

Terceira filha, Marine – de nome oficial Marion Anne Perrine le Pen – nasceu em 1968. Estudou Direito e advogou alguns anos. Entrou na política aos 18, na organização estudantil da FN, e travou a primeira batalha eleitoral aos 24. Conquistou o primeiro mandato político na região do Pas-de-Calais, região sinistrada das antigas minas de carvão, onde estabelecerá o seu feudo eleitoral. Nas legislativas de Junho de 2002, obtem um resultado recorde no Pas-de-Calais: 24,2 por cento. É eurodeputada.

Dois casamentos, dois divórcios, três filhos. Vive com eles e um novo companheiro. Uma sua biografia – *Le Pen fille & père* – escrita pela jornalista Christiane Chombeau descreve-a como uma mulher alegre, simpática, moderna, *bonne vivante*. “Em privado é sensível, mas também capaz de ser autoritária.” Procura dar de si uma imagem de respeitabilidade. Ao mesmo tempo vitimiza-se, dizendo quão duro lhe foi na adolescência ostentar o estigma do nome Le Pen.

Não lhe falta o *killer instinct*: demonstrou o com zelo na depuração dos dissidentes de 1999, de Bruno Mégret à rival Marie-Caroline. Ou na recente tentativa de linchamento do ministro da Cultura, Frédéric Mitterrand. Em Outubro de 2009, num programa de televisão, exigiu a sua demissão. Em tom frio e “indignado”, leu e releu uma passagem do livro semiautobiográfico do ministro – *La Mauvaise Vie* – em que ele narra cenas fantasmáticas de turismo sexual ou prostituição infantil. Era uma insinuação de pedofilia. →

**O**s franceses conheceram Marine le Pen na noite de 5 de Maio de 2002, quando ela os surpreendeu nos ecrãs da televisão encarnando o inverso da imagem do pai: feminina, ponderada e calma, sem excessos nem provocações. Comentava o resultado final da única eleição presidencial em que Jean-Marie le Pen acedeu à segunda volta, com 16,9 por cento. Hoje, é um dos políticos mais populares de França, com 27 por cento de opiniões favoráveis, algo que Jean-Marie le Pen nunca alcançou.

Um inquérito TNS-Sofres, feito já em Janeiro, é mais preciso. Para 46 por cento dos franceses, Marine é “a representante de uma extrema-direita nacionalista e xenófoba”; para 37, é “representante de uma direita patriota e fiel aos valores tradicionais”.

Ela “inventou esta extrema-direita de rosto mais humano que desautoriza as diatribes do velho chefe”, resumiu o filósofo Bernard-Henri Lévy. “Na família Le Pen, Marine é mais perigosa do que Jean-Marie.”

O politólogo Alain Duhamel concorda: “Ela é infelizmente uma mulher inteligente, combativa, muito eficaz na rádio e na televisão, segura de si e das suas intuições, com uma postura incomparável. De facto, é ainda mais perigosa do que o pai.”

Porquê? Marine bate-se por “desdiabolizar” a Frente Nacional (FN), fundada por Jean-Marie le Pen em 1972. Não abdica das ideias, reformula-as; e propõe-se mudar de estratégia, de modo a transformar a FN de partido tribunicio ou de protesto em partido de vocação governamental. Quer mudar o xadrez político da direita. Delírio? Um conselheiro do Eliseu – isto é, de Nicolas Sarkozy – disse em Setembro ao diário *Le Parisien* que, até ao fim da década, Marine le Pen estará no governo.

Em 2007, adoptando alguns dos grandes temas de Le Pen, Sarkozy recuperou quase metade do seu eleitorado. Hoje, Marine garante que foi uma vitória de Pirro: o Presidente acabou por legitimar os temas “malditos” da FN – imigração, islão, segurança, identidade nacional. E exhibe um trunfo: um

**Bruno Mégret**  
foi o precursor da  
mudança, numa  
tentativa de fazer  
entrar a FN na área  
governamental

**Marie-Caroline**  
foi a favorita do  
pai e exerceu  
importantes  
responsabilidades  
na Frente Nacional

**Bruno Gollnisch**  
diz querer  
“unificar a  
família nacional”,  
encostando-se  
aos radicais e  
aos católicos  
integristas

O golpe baixo não foi um acto falhado: era uma calculada mensagem ao eleitorado conservador de Sarkozy, no momento em que a pedofilia se tornara questão ultra-sensível. “Tem a intuição política que lhe permite discernir o campo em que se abre uma janela de vulnerabilidade. Demonstrou um instinto de caçador, o gosto pelo sangue e o prazer de ferir ou abater”, comentou o *Libération*.

Para a mãe, “Marine é um clone do pai.” Ambos têm “a mesma aproximação quase animal da política”, diz a biógrafa. Ambos gostam de rir, cantar e mover multidões: “Ele nos comícios, ela nos estúdios.”

Clone, mas independente. Marine defende ortodoxamente a pena de morte. Mas num partido misógino, ultraconservador e antifeminista, opõe-se à revogação da lei Veil sobre o aborto e aprova o Pacs (a união civil entre pessoas do mesmo sexo ou sexo diferente).

Chamaram-lhe “Gianfranca Fini”, em alusão ao político italiano que transformou o neofascista Movimento Social Italiano numa formação conservadora, democrática e antifascista. De momento, Marine não terá esse designio. Não gosta do termo “extrema-direita”: quer tornar respeitável a FN para impor os seus temas. Nos anos 1980, o ministro socialista Roger Badinter denunciou a “lepenização dos espíritos”. Hoje, Marine propõe-se exactamente “lepenizar os espíritos” franceses, como condição para aceder à área governamental.

## A sucessão

A sucessão de Le Pen decide-se hoje, no Congresso de Tours. O resultado da votação para a presidência e para o comité central (já efectuada por correspondência) será anunciado ao fim da manhã. Diga-se que é a primeira vez que há uma eleição na FN: até agora, Le Pen era eleito por aclamação.

Estão em confronto dois nomes: Marine, 42 anos, e Bruno Gollnisch, 60.

Este, que representa a ortodoxia do lepenismo, tem o apoio da velha guarda. Se a esmagadora maioria dos simpatizantes apoia Marine,

os militantes têm simpatia por Gollnisch.

A divergência é estratégica e não apenas de estilo pessoal. Fundamentalmente, Gollnisch diz querer “unificar, reunir e alargar a família nacional”, encostando-se aos radicais de extrema-direita e aos católicos integristas. Marine quer alargar o eleitorado, deslocando as prioridades para o terreno social e denunciando os malefícios da globalização; e, por outro lado, substituir o alvo “imigrante” pelo alvo “islâmico”, numa perspectiva pós-11 de Setembro, na onda da islamofobia que se espalha na Europa. Ele aparece como “antigo”, ela como “moderna”. Ele como “nacional-católico (integrlista)”, ela como “nacional-populista” (*Le Monde*).

Em Setembro, os jornalistas conhecedores da FN davam vantagem a Gollnisch, dada a sua absoluta fidelidade à doutrina de sempre. Marine foi a estratégia da campanha presidencial de Le Pen em 2007, convencendo-o a moderar o discurso e a assumir os “valores da República e da laicidade” – uma novidade. Perante a derrota, os amigos de Gollnisch atiraram-lhe à cara: para que serve a “desdiabolização” senão para perder votos e descaracterizar o partido?

A dinâmica mediática de Marine inverteu a situação. As sondagens atribuem-lhe 14 por cento de intenções de voto para as presidenciais de 2012. Os aderentes vão não apenas votar num líder mas no seu candidato ao Eliseu. Gollnisch apenas seduz dois por cento dos franceses e quatro por cento dos eleitores da direita clássica.

O futuro da FN, que em 2007 parecia condenada ao definhamento, joga-se nas presidenciais e nas legislativas de 2012. O próprio Jean-Marie Le Pen o explica: “Há uma oportunidade, diria mesmo uma possibilidade de que o candidato nacional obtenha um sucesso notável, não apenas na primeira volta, mas até na segunda.”

Desejou um “bom resultado” ao fiel Gollnisch, seu antigo herdeiro oficial, e exprimiu a vontade de vitória da filha. O fundador parece acreditar que só ela, portadora do nome Le Pen e de uma nova estratégia, poderá assegurar a sobrevivência do partido. Disse sibilantemente: “Eu tive de abrir um caminho na selva com um *buldozzer*.”

## A prece na rua

Em vésperas de os aderentes começarem a votar, Marine deu dois golpes via televisão. No dia 9 de Dezembro, num debate com Alain Duhamel e a ex-ministra Rachida Dati, aproveitou para clarificar a “desdiabolização” da FN. Interrogada pela jornalista de France 2, não fugiu a nenhuma questão sobre as posições do partido e do pai: nazismo, anti-semitismo, racismo, negacionismo.

“É meu pai, mas ele é ele, eu sou eu. Não somos da mesma época, não vivemos as mesmas coisas, sou de outra geração e, para mim, sem sombra de dúvida, o nazismo é uma abominação e se for presidente do partido separar-me-í dos derradeiros alejados da extrema-direita.”

Paralelamente, reorienta as prioridades para o terreno social e para o “patriotismo económico”, dirigindo-se ao eleitorado popular. O desemprego é maciço, a desindustrialização prossegue, o comércio externo está em crise – diz. A crise económica cria um terreno de eleição para a denúncia da globalização e a proposta de saída do euro. A mensagem é: as actuais elites políticas são incompetentes.

No dia seguinte, sempre na televisão, denunciou as preces dos muçulmanos nas ruas. “Estou desolada com os que tanto gostam de falar da II Guerra Mundial, mas isto é uma ocupação, uma ocupação de território. (...) Uma ocupação de pedaços de território, de bairros em que se aplica a lei religiosa. Não há certamente blindados, não há soldados, mas é uma ocupação e pesa sobre os habitantes.”

É a primeira vez que a FN insinua uma comparação entre a imigração islâmica e a invasão nazi. Desencadeou um *tsunami* mediático. Marine foi atacada à esquerda e à direita: “Escandaloso e inqualificável.”

Não foi uma derrapagem, foi um cálculo. Reafirma a substituição do anti-semitismo e da anti-imigração pela islamofobia, como acontece em gran-





Jean-Marie le Pen transformou um aglomerado de grupúsculos num partido popular que penetrou na esquerda e na direita clássicas



## Em Abril de 2002, Le Pen afastou Jospin da segunda volta das presidenciais; em 2012, Marine gostaria de fazer o mesmo a Sarkozy

de parte da Europa. Foi também um golpe oportunista contra Gollnisch, concentrando em si todas as atenções e obrigando a FN a cerrar fileiras à sua volta.

Também pôs em xeque a esquerda e a direita tradicionais, colocando-se no terreno da república e do laicismo, terreno diametralmente oposto à tradição da FN. A demógrafa Michèle Tribalat, estudiosa do islão em França, sublinha que é indecente que tenha sido a FN a levantar o problema “real” das preces em espaços públicos. “Desde que [Marine le Pen] fala de ‘ocupação’ a propósito das preces na rua, todos os responsáveis políticos reconhecem que o espaço público não pode ser monopolizado por uma religião, seja ela qual for.”

Marine deu a volta ao escândalo e acusou directamente Sarkozy de favorecer uma dinâmica de “comunitarização”, quando na República Francesa não há lugar para comunidades mas apenas para cidadãos. “A laicidade é quotidianamente violada pelos nossos dirigentes.”

Não só pôe em xeque os “ultra-reaccionários” da FN, como Gollnisch, hostis à laicidade, como conquista simpatias no eleitorado conservador: foi após esta polémica que a sondagem do IFOP lhe atribuiu a concordância de 54 por cento da direita sobre os muçulmanos.

Ironicamente, Marine retoma os temas de Bruno Mégret no fim dos anos 90: também ele propunha a transferência da retórica anti-imigrantes para a denúncia da “ocupação islâmica”.

A Gollnisch restou responder na defensiva: “Espero, apesar de tudo, que na passada não se vá ao ponto de estigmatizar os militantes do anticomunismo ou os defensores da Argélia francesa.”

### A Frente Nacional

A FN foi fundada em 1972 reunindo grupúsculos reaccionários e neofascistas, sem qualquer base popular. O facto passou despercebido. O talento do líder, Jean-Marie le Pen, foi inscrevê-la na tradição nacional-populista →



e aceitar o quadro da democracia parlamentar. Vai explorar, a partir dos anos 80, três grandes temas: desemprego, insegurança e imigração.

Sai do anonimato nas eleições municipais de 1983. À força de provocações, irrompe na cena política e obtém, nas eleições europeias de 1984, 10,9 por cento dos votos, algo que a extrema-direita não conseguia desde 1956. Implanta-se simultaneamente em territórios tradicionais da direita e também da esquerda – caso do Languedoc ou da “cintura vermelha” parisiense.

Em 1986, quando François Mitterrand estabelece o sistema proporcional para o Parlamento, Le Pen faz eleger 35 deputados. No ano seguinte, descobre a utilidade mediática da “diabolização”, iniciando uma longa série de provocações: considera as câmaras de gás “um detalhe” da II Guerra Mundial.

O seu eleitorado é interclassista, tem uma forte base no pequeno comércio e no artesanato, mas cresce rapidamente nos meios ope-

rários em crise – ao mesmo tempo que declina a influência do Partido Comunista. O seu eleitorado é tendencialmente pouco culto e predominantemente jovem.

No fim dos anos 1990, o “ambicioso” Bruno Mégret e outros quadros propõem uma moderação da linguagem, tentando afastar Le Pen e pôr fim à sua marginalização pela direita governamental. Fazem uma importante cisão mas o seu novo partido regista um fiasco nas eleições de 1998.

Em 2002, Le Pen provoca um sismo político ao superar Lionel Jospin, o primeiro-ministro socialista, na primeira volta das presidenciais, com 16,9 por cento dos votos. Milhões de pessoas manifestam-se na rua contra o “racismo e a xenofobia”.

Verifica-se desde então uma irregular tendência de declínio. Dada como “agonizante” em 2007 (10,4 nas presidenciais e 4,3 nas legislativas), a FN volta a subir nas regionais de 2010, em que recupera grande parte do eleitorado perdido para Sarkozy.

## Esquerda, direita e FN

As relações entre socialistas, direita e FN foram uma das chaves eleitorais das três últimas décadas. Depois de se ter aliado ao Partido Comunista para o esvaziar, François Mitterrand utilizou a ascensão da FN para dividir a direita. A “diabolização” de Le Pen tornava difícil as alianças, mesmo pontuais, da direita com a FN. Foi tema de ácida polémica dentro da direita.

Em 2007, Sarkozy inverteu os termos da equação apostando nos temas favoritos de Le Pen. A sua opção foi criticada mas também aplaudida, já que era legítimo tudo o que enfraquecesse a FN. Ao mesmo tempo, também na esquerda os nacionalistas do Partido Socialista defendiam a apropriação “republicana” de alguns desses temas, como a segurança e os símbolos nacionais.

A eficaz estratégia de Sarkozy contribuiu, de facto, para legitimar uma parte das temáticas da FN, observam Abel Mestre e Caroline Monnot, jornalistas do *Monde* que seguem o



JOHN VAN HASSELT/CORBIS/VMI

**Marine le Pen atrai sectores jovens para a FN: surge à cabeça com 26 por cento das intenções de voto na faixa dos 25-34 anos**

partido de Le Pen. “Esta legitimação ganhou um novo *élan* com o debate sobre a identidade nacional”, lançado pelo Presidente em 2009 e que derrapou para a reabertura da “ferida islâmica”. Sarkozy atirou mais achas para a fogueira ao sugerir a anulação da nacionalidade a certos delinquentes ou criminosos. Marine aplaudiu.

### **Dinamitar a direita**

Hoje, o clima de crise ajuda a FN a relançar os temas de justiça social, a que o eleitorado operário é particularmente sensível. Não é uma novidade. Há muito que o “povo de esquerda” é cada vez menos popular. Marine, com 28 por cento das preferências (sondagem IFOP), vangloria-se de ser a candidata da classe operária. Cumulativamente, ela prossegue a penetração da FN nos sectores jovens: surge à cabeça com 26 por cento das intenções de voto na faixa dos 25-34 anos.

“A aposta de Marine le Pen, que retoma a estratégia de Bruno Mégret, é criar uma posição de força tal que a FN consiga fazer implodir a direita”, anotam Mestre e Monnot.

Marine assume a vontade de fazer “implodir o sistema” e sonha com “um 21 de Abril ao contrário”. Em Abril de 2002, a votação de Le Pen eliminou Jospin da segunda volta das presidenciais. Em 2012, o desígnio seria pôr em xeque Sarkozy na primeira volta.

O eurodeputado Daniel Cohn-Bendit resume o quadro com acuidade: “Estou certo de que se Marine le Pen tomar as rédeas da Frente Nacional (...), ela tentará limar as arestas para fazer da FN um aliado potencial da UMP e da direita.” Mas, para isso, “é preciso uma derrota da direita em 2012, para que ela reflecta no modo de reconquistar a maioria”.

O primeiro-ministro, François Fillon, declarou a 14 de Dezembro que a FN “não merece nenhuma complacência. Não só porque o seu projecto é perigoso e inconsistente no plano económico e social, mas também porque a direita republicana e o centro (...) são os alvos principais da FN”.

Na quarta-feira, *Le Monde* escrevia em manchete: “A Frente Nacional seduz cada vez mais os simpatizantes da direita clássica.” Se as suas teses merecem o apoio de 22 por cento dos franceses (mais quatro que em Janeiro de 2010), elas seduzem 32 por cento dos simpatizantes da UMP (mais 12). Se 51 por cento da base da UMP recusam a aliança com a FN, 35 admitem “fazer alianças segundo as circunstâncias”. A progressão da FN é atribuída à emergência de Marine le Pen. Não é um dado novo. Já em Abril, 36 por cento dos simpatizantes da UMP admitiam alianças com

uma extrema-direita “feminizada, moderna e mais respeitável” (*Le Point*).

Outros dados da sondagem ilustram o estado de espírito dos franceses. Cinquenta por cento dizem que há demasiados estrangeiros no país; 49 pensam que os muçulmanos têm demasiados direitos (69 na UMP); 37 aceitam a saída do euro; 29 aprovam o restabelecimento da pena de morte.

Um outro estudo, do instituto LH2, completa este retrato: para 56 por cento, a FN “representa um perigo para a democracia em França”. Em 2002, a percentagem era de 70 por cento.

A paisagem política francesa pode estar em vésperas de recomposição. Falta aguardar, mais do que a esquerda, a carta que desta vez Sarkozy irá tirar da manga. Mas desde já Marine parece a caminho de se tornar numa força-pivot do puzzle político.

### **O ressentimento**

Muito se escreveu sobre a ascensão da FN. Como degenerescência do sistema democrático, de que seria efeito e sintoma, quando as elites se mostram incapazes de responder aos problemas e frustrações das sociedades (Yves Mény). Em França, como noutros países europeus, o poder e a sociedade foram incapazes de responder à imigração e à destruição de comunidades e regiões industriais, em cujos escombros a FN se encaixa.

O seu programa é “um prolongado grito de ressentimento – contra os imigrantes, o desemprego, o crime e a insegurança, a ‘Europa’, e em geral ‘contra eles’, que provocaram isto”, escreveu há anos o historiador anglo-americano Tony Judt (*O Século XX Esquecido*, Edições 70, 2010).

Vale a pena citar outro seu texto. “Durante quase quatro décadas, os políticos europeus tradicionais não fizeram caso de nada disso: o impacto da habitação segregada de facto; as comunidades não integradas isoladas; e o aumento de eleitores brancos receosos, ressentidos, convencidos de que o barco está ‘cheio’. Foi preciso Jean-Marie le Pen, o político holandês assassinado Pim Fortuyn e um bando de partidos demagógicos anti-imigração para acordar os europeus para esta crise.”

O problema que a Europa enfrenta é a pressão sobre os seus limites externos: “A União Europeia é demasiado atractiva para o seu próprio bem.”

Será tudo isto o que faz da loura Marine uma “mulher perigosa”. ●

*jafernandes@publico.pt*

**O eleitorado da FN é interclassista, jovem e masculino, tem uma forte base no pequeno comércio e no artesanato, crescendo rapidamente nos meios operários em crise**

# Entre duas gravações está a história de Gardá

*Numa passagem relâmpago por Lisboa em 1957 para cantar numa festa dos Espírito Santo, a artista que nasceu Hildegarda Oliveira gravou uma série de canções que se tornariam no primeiro vinil em Angola. Mais de 50 anos depois voltou ao estúdio da Valentim de Carvalho para lançar um CD.*

Texto **Catarina Gomes** Fotografia **Rui Gaudêncio**

Gardá na festa do casamento da irmã Fernanda



**É** normal que à editora discográfica Valentim de Carvalho cheguem gravações “irreais” de pessoas que querem por tudo ser artistas sem terem talento, ou que não vivem neste mundo. E alguns vão mesmo lá bater à porta. “Estamos habituados a coisas fora do normal”, diz Francisco Vasconcelos, director da editora, recordando, por exemplo, um senhor que lá chegou pronto para fazer um dueto com John Lennon. E um dia surgiu a angolana Gardá, à beira dos 80 anos.

Trazia um saquinho de plástico com objectos vários, uma fotografias antigas, uma capinha de um disco de 45 rotações carcomida pelos quase 50 anos que levava desde a impressão. “Nada de pasta ou portfólio, só um saco de plástico com umas coisinhas” e uma amiga muito insistente que teimava que as recebessem. Gardá correu o perigo de ter sido descartada como mais uma daquelas personagens “bizarras”, mas o director da Valentim diz que optou, e bem, por lhe ouvir a história.

Gardá não vinha pedir para ser gravada – tinha o desejo de ter uma cópia de uma gravação que tinha feito com a sua banda na Valentim, em 1957. “Ela era encantadora”, recorda o director da Valentim de Carvalho. Francisco Vasconcelos ouviu-a, e sobretudo à insistente amiga, e mal saíram do gabinete pediu que fossem à procura das

tais músicas de que falava a senhora.

Quem encontrou as bobines com as fitas magnéticas onde estava gravada a sua voz conhece o arquivo da editora como se fosse um itinerário da sua vida profissional. Hugo Ribeiro, técnico de som que gravou vozes como Amália, está hoje reformado e ainda se lembra do dia daquela gravação, tinha ele uns 30 anos, ela 26. “Gostei da voz dela, era uma boa artista. Para nós era novidade, era uma música que não era de cá”, relembra, ele com 84 anos, Gardá a cerca de um mês de completar 80.

Francisco Vasconcelos ouviu os temas e ainda a foi ver ao vivo num bar onde actuava em Lisboa, “às duas ou três da manhã, uma hora estapafúrdia para uma senhora desta idade” e ficou deliciado. “Há uma coisa mágica na prestação dela.” Decidiu que Gardá ia voltar a gravar, desta feita a solo.

Gardá regressou ao passado quando lhe encontraram as gravações e as ouviu. “Ia mandando o badagaio. Ia tendo uma coisa. Foi tão emocionante.” Desde essa visita à editora passaram três anos e o novo CD é lançado no final deste mês. Tem o seu nome e os 11 temas quase podiam ser o resumo do que viveu desde a primeira gravação, no tempo do seu apogeu, nos anos 1950 da Luanda colonial. É sobretudo a terceira canção no alinhamento, *Ilha azul*, que remete para a década em que mais fez furor. “Ui, adoravam. Era o meu forte.”

A sua primeira gravação nasceu do sucesso desses tempos. Gardá lembra-se de tudo ter sido gravado muito à pressa no final da sua primeira vinda a Portugal, pouco antes de regressarem →





Em 1955, actuava com o seu grupo em Luanda; dois anos depois, os Espírito Santo faziam de Garda e o seu conjunto a surpresa da meia-noite; em Angola, os piqueniques com a família em casa da família em Luanda



a Angola, no que recorda como um edifício “que parecia um barracão”. O técnico de som Hugo Ribeiro explica que o estúdio da Valentim da altura era mesmo assim, a funcionar num teatro de Lisboa arruinado. O objectivo da vinda a Portugal nunca foi gravar e Garda até o fez “contrariada”, mas alinhou na brincadeira. “Eu não queria nada, a gravação não me parecia nada bem”, porque não estavam preparados e foi tudo demasiado rápido.

Não se voltou a encontrar com essas músicas que nunca foram comercializadas em Portugal. Um ano depois elas encarregaram-se de desembarcar em Angola. Quem as enviou? Porque o fez? Não se sabe. A verdade é que quatro daqueles temas chegaram a Angola de barco, explica Francisco Vasconcelos, e ali foram transformados em disco. Foi, aliás, o primeiro vinil editado em Angola, soube Garda mais tarde.

### No debate dos Espírito Santo

*Maria Candimba* era o título do tal disquinho que levou há três anos à Valentim para atestar a verdade do seu relato sobre a longínqua gravação. Tinha mesmo existido, assim como a sua actuação numa festa de luxo organizada por Manuel Espírito Santo na sua quinta em Azeitão – tinha sido o banqueiro a convidá-la a vir a Lisboa e a custear as despesas para que viesse “abrilhantar” uma festa de debutantes, em Junho de 1957. O sucesso foi tal que ainda fez uma temporada no Casino do Estoril e foi à televisão.

Esse dia ficou-lhe gravado na memória. Tudo aquilo era intimidante e Garda, habituada “a abrilhantar” festas da alta-roda luandense, percebeu que aquela era diferente. “Só o porteiro, com aquela roupa, metia medo... parecia uma avestruz. Metia tudo medo, as *madames*, as princesas, aquela malta, umas mil e tal pessoas.” Antes de Garda e o seu conjunto aparecerem de surpresa, à meia-noite, o nervoso nos bastidores era muito. “Isto é uma coisa fina mas é preciso é calma”, aconselhava a cantora aos outros elementos da banda, constituída quase só pelos irmãos que tinha ensinado a tocar. Apagaram-se as luzes de repente e “o meu irmão entrou a tocar batuque, eu com o acordeão, os outros com

violões. Ligaram as luzes. Aí demos *show*”.

“Nesse baile debutou a ‘princesa Diana de França’, a princesa Anita. Estava toda a gente conhecida. Os condes de Paris, os condes de Barcelona e ela e o seu conjunto encantaram toda a gente. Tocou, dançou, animou”, lembra Ana Espírito Santo, filha do empresário num documentário que a Valentim está a produzir sobre a cantora.

Os quatro temas da sua primeira gravação são um bocadinho do reportório tocado nessa noite marcante. Cantou-se, por exemplo, *Maria Candimba*, uma canção sobre “uma preta criada que se meteu com um patrão”, e que viria a ser gravada mais tarde pelos Duo Ouro Negro, já no *boom* da música angolana que aconteceu a partir do final da década de 1960.

De volta a 2010, neste novo CD, decidiu-se que não fazia sentido voltar a gravar os temas dos anos 1950, por serem datados. Mas há dois apontamentos dessas gravações de há mais de 50 anos que foram transportados para o presente: um excerto de Garda a tocar guitarra na canção *Para Alcina*, uma amiga a quem dedicou uma canção depois de lhe ter morrido o único filho, e no tema final, *Magoaste o meu coração*, o solo de bandolim é tocado por uma Garda de 26 anos.

Para Garda, baptizada Hildegarda Oliveira “por mãe mulata e pai branco”, a vida é música mas os instrumentos têm significados diferentes. Nas festas que tinha de animar não havia como o acordeão, mas, “para sentir, a viola e o bandolim” são os escolhidos. Escondidos nos vários temas estão pontos marcantes da sua vida. *O último beijo*, letra e música da própria, e *Triste melodia* aludem ao mais traumático. Garda, “ao contrário do que havia jurado”, casou com um militar, um capitão português de infantaria. Mas José Lofgren Rodrigues acabou por morrer na guerra, “num dia fatal/ Foi como um vendaval/ Maldito destino/ Tudo me levou/ Desde esse dia apenas ficou a minha canção”. O último beijo foi dado no aeroporto de Lisboa,

**“Nesse baile debutou a ‘princesa Diana de França’. Estava toda a gente conhecida. Os condes de Paris, os condes de Barcelona e ela e o seu conjunto encantaram toda a gente”**

com o filho do casal com apenas dois anos nos braços, antes de o marido partir.

Fora deste disco está um instrumento, o violino, e o sonho que ficou por realizar. Na música, o que sempre quis foi ser violinista clássica. Foi com esse intento que se inscreveu na Academia de Luanda, onde estudou violino até ao sexto ano, e foi por ele que abandonou o seu emprego seguro (era telefonista no Banco de Angola) para vir estudar no Conservatório de Lisboa. Nesta, como noutras alturas da sua vida, algo aconteceu para lhe mudar o rumo. Num acidente doméstico escorregou, foi com “a mão das cordas [do violino]” contra uma porta de vidro e os tendões nunca mais recuperaram. Ficou por ali esse projecto.

Foi ganhando a vida como pôde, a música pouco contribuiu. Emigrou para Espanha e Suíça onde foi de tudo, desde cozinheira a interna, passando por tomar conta de crianças e idosos. A música deu-lhe sim equilíbrio e por isso até hoje continua a animar festas e a cantar em bares e tertúlias. Até há uma canção que ficou

fora do disco e que diz que a define, “a velha vadia” e só consegue lembrar a letra cantando-a: “Sou da noite/ Gosto do fado/ Visto o meu fato camuflado/ O meu boné arribitado/ Por ridículo que pareça... Sou vadia sim senhora.” Garda cantou cerca de 60 canções para serem escolhidas as 11 que agora se podem ouvir na edição da Valentim de Carvalho.

Ainda hoje não é a música que lhe garante o sustento. Vive de uma pensão do tempo em que trabalhava em Angola, nas alfândegas e no Banco de Angola. “Quando vou a casamentos, ganho bem.” De resto, em muitas das suas actuações não é remunerada – são para amigos. Garda vive no Convento da Encarnação, um estabelecimento da Segurança Social.

Ficou feliz com a gravação do novo disco, mas não tem pena de estes 50 anos não terem sido preenchidos por uma carreira como cantora popular. “Tenho pena de não ter sido violinista a sério.” “Eu não sou artista, não quero ser artista. Não tenho horas, sou preguiçosa. Sou o deixa

andar.” Os amigos insistem. “Eles é que querem que eu seja artista à força.” Se não fosse a amiga Vera Ramos, nunca tinha ido bater à porta da Valentim de Carvalho. Na editora também reconhece e agradece a persistência. Muitos não teriam tido “paciência” para gravar este segundo disco. Garda teve dois AVC há pouco tempo e percebeu que se até ali não tinha dado assim tanta importância ao CD, quando esteve doente, só pensou que o queria para o poder deixar ao filho. No Natal, já o ofereceu como prenda.

No CD, Francisco Vasconcelos anuncia-a: “Mais de 50 anos depois de uma falsa partida... é com muita satisfação que retomamos a carreira discográfica da Garda.”

Muitas pessoas querem ser artistas e não têm talento – Garda tinha talento e nunca o quis aproveitar. “Ela não procurou isto”, admite Francisco Vasconcelos. Eles é que acharam que “seria uma injustiça que Garda não fosse conhecida”. ●

*catarina.gomes@publico.pt*



# João Pereira Coutinho

## **Sou um anticomunista pelos mesmos motivos que sou um antifascista**

*É professor universitário. É colunista da Folha de S. Paulo e do Correio da Manhã. A sua testa é suficientemente conhecida para que ele mesmo faça troça e fale dela num vídeo disponível na Net. Carismático, embirante, brilhante? A escolha do adjectivo não é consensual. Quem é o gajo?*

Entrevista **Anabela Mota Ribeiro** Fotografia **Clara Azevedo**





## entrevista

**J**oão Pereira Coutinho é um daqueles casos. Vamos pôr isto em brasileiro, que o cara é uma figura lá em Sampa. Não tanto no Rio. Imaginam J.P.C. de sunga tomando água de coco? Não dá, né. Imaginam, como uma leitora, J.P.C. de fato de três peças e cartola? É mais provável, né. Vamos pôr isto em brasileiro: “Quem é o gajo?” Pergunta de um brasileiro que pretende “falar” português e saber quem é João Pereira Coutinho, cronista há anos da *Folha de S. Paulo*. Não lhe interessa que também seja cronista, há menos anos, do *Correio da Manhã*. (O vídeo está disponível na Net.) Ahs e ohs no Brasil. Menos ahs e mais “é um fascista do piorio” em Portugal. (Adianta-se desde já que ele discorda desta parte.)

Nasceu em 1976. Não representa uma certa direita, porque é demasiado particular para representar seja quem for. É um daqueles casos de pessoa amada e odiada, adulada e vilipendiada no espaço público.

Millôr Fernandes escreveu: “Não é segredo: somos feitos de pó e vaidade. E muito medo.” A entrevista pretendia saber do pó, da vaidade e do medo de J.P.C. A entrevista não é comovente quando lhe é perguntado o que o magoa. É comovente quando fala das mulheres da sua vida. Ou de coragem e consciência tranquila. A entrevista mete Marisa Cruz (muito lateralmente), Evelyn Waugh, uma gata, Rousseau, Zeus... Passa por Oxford, Manhattan, Chiado, Avenida Paulista...

A viagem nem sempre é confortável. O bilhete é de adulto.

**Quando pôs a condição de dar a entrevista por escrito, citou Nabokov: “Penso como um génio, escrevo como um vulgar homem de letras e falo como um idiota.” É mesmo assim?**

Não, Anabela, não é assim. Para começar, não sei se foi Nabokov quem disse isso. Podia ir confirmar, mas para quê? Provavelmente, a frase até é minha e eu pus na boca de Nabokov. Acontece muitas vezes. Só citei Nabokov para que pudéssemos fazer isto por escrito. E é mais fácil convencer uma segunda pessoa se citarmos uma terceira de peso.

**A sua recusa em dar a entrevista pessoalmente passa, também, por um desejo de não defraudar expectativas? De quem?**

Não, passa pela preguiça. Se a entrevista fosse pessoalmente, teria de estar a falar duas ou três horas. Assim, posso responder a uma pergunta, dormir a sesta, depois regressar e responder a outra, tomar uma bebida ao final da tarde, ver o Telejornal, responder a mais uma. No dia seguinte, acordar, reler, mudar uma vírgula. É mais literário. Sobre as expectativas, as únicas que eu normalmente defraudo são as minhas. Com as expectativas dos outros posso eu bem: quando chegamos à idade adulta, aprendemos que não tem grande importância o que os outros pensam a nosso respeito. Até porque os outros, ou a grande maioria deles, não pensam.

**Em público, não anda em mangas de camisa, é isso?**

Essa história lembra-me uma outra: aqui há uns tempos uma leitora escreveu-me, desiludida, porque me tinha visto no Chiado de *jeans* e ténis.



Dizia ela que sempre me imaginara com fato de três peças, bengala e cartola. Como é evidente, respondi-lhe que não era eu. Até porque eu nunca vou a Chiado a pé; só de coche.

**Então vamos lá. Um bocadinho a armar ao carapau de corrida, comecemos por um poema da Szymborska: “Escreve como se nunca tivesses falado a ti próprio/ E sempre mantendo-te à distância/ Não menciones os teus cães, gatos, pássaros/ As ninharias, os amigos e os sonhos.” Isto não é grande incentivo..., mas o que é que pode dizer das suas ninharias, amigos, sonhos?**

Das ninharias, dos amigos, dos sonhos, pouca coisa. Mas, se me permite, falarei do gato. Ou da gata, para ser mais preciso. É talvez o membro da família que eu mais inveje: será possível passar pela existência de uma forma tão serena, tão ociosa, tão elegante? Lia há tempos uma reportagem no *Telegraph* sobre uma inglesa que, num acto de loucura, viu um gato na rua e resolveu atirá-lo para dentro de um latão do lixo. Isto foi filmado e, claro, indignou o público. Mas o autor do artigo formulava a questão fundamental: quantos de nós já não pensámos em atirar os gatos para dentro de um latão do lixo? Tudo

nos gatos é insultuoso para nós e para as nossas vidas. A começar pela relação que eles mantêm com o tempo.

**A relação dos gatos com o tempo?**

Nós somos seres temporais por definição: vivemos sempre carregados de passado ou de futuro; do que fomos ou seremos; entre as memórias e as aspirações; e com a certeza da morte à nossa espera. Somos, numa palavra, patéticos. Esta específica temporalidade descentra-nos do presente, atira-nos para fora dele. Mas os gatos, pelo contrário, vivem cada momento de uma forma completa, total. E sabe porquê? O Mark Rowlands explica isso num livro notável sobre lobos: porque para os gatos, como para os lobos, a felicidade não se faz por adição – adição de novas experiências; novos lugares; novos objectos; novos projectos; novos amores. Essa dança macabra é só nossa. A felicidade dos gatos faz-se por repetição. Eles repetem o que lhes é significativo. Passo horas a olhar para a minha gata. Aprendi mais com ela do que em anos e anos de leituras filosóficas.

**Escreve como se nunca tivesse falado a si próprio? Às vezes, parece uma daquelas pessoas**

“

Comecei a escrever publicamente em 1998. Há 13 anos ininterruptos que ando nisto. E não tenho feito outra coisa que não seja falar de mim. Mesmo quando falo dos outros, falo de mim. Porque o que existe “lá fora” só tem interesse se me despertar interesse

”

**que sabem tudo acerca da Muralha da China e nada sobre elas mesmas. Que põem um biombo entre elas e elas.**

Lamento discordar. Comecei a escrever publicamente em 1998. Há 13 anos ininterruptos que ando nisto. E não tenho feito outra coisa que não seja falar de mim. Mesmo quando falo dos outros, falo de mim. Porque o que existe “lá fora” só tem interesse se me despertar interesse; e o importante é cartografar o impacto que as coisas têm em mim. Há tempos, por razões editoriais, mergulhei nos mais de dois mil textos que escrevi desde 1998, aqui ou no Brasil. E 90 por cento deles, para dizer o mínimo, começavam sempre na primeira pessoa do singular. Há quem não goste deste objecto culto do eu. Eu não concebo opinião sem ele: a minha formação literária fez-se com terríveis narcisistas, que me infectaram para toda a vida.

**Recorrentemente fala da sua “psi”, “a minha terapeuta”. A que propósito é que fala dela?**

Para começar, não sei se falamos da mesma terapeuta. Para citar a canção, eu já tive dois amores. E o mais engraçado é que, pensando bem, uma era loira e outra era morena. Não que isso alterasse as regras do jogo – ali era paciente, no duplo sentido da palavra. Mas confesso que nem sempre era fácil: por ironia do destino, calharam-me duas mulheres lindíssimas e inteligentíssimas na rifa do divã. E eu, antes de ser neurótico, sou humano.

**Seria diferente se fosse um homem? As suas relações com os homens são muito diferentes das relações com as mulheres? Em quê?**

Não é possível generalizar sobre “os homens” e “as mulheres”, embora a minha tentação fosse dizer que os homens são mais femininos do que as mulheres. São mais frágeis, mais inseguros e incomparavelmente mais românticos. Kissinger dizia que o poder é o maior dos afrodisíacos, mas esqueceu-se de acrescentar que essa grande verdade só funciona para um dos sexos. As mulheres fascinam-se pelo poder; mas os homens fascinam-se pelas mulheres. Quer coisa mais ingénua? Claro que, depois, conhecemos um caso ou outro que desmente a teoria e impede a tentação misógina. E eu, verdade seja dita, tenho conhecido alguns, razão pela qual a misoginia me está interdita, apesar de ser um excelente recurso literário.

**Casos que desmintam a “regra”. Pergunto por mulheres importantes na sua vida.**

Quando penso nas mulheres que conheci na vida, a começar pelas grandes mulheres da casa onde cresci, lembro-me sempre daquela entrevista ao Evelyn Waugh em que a jornalista perguntava: “Sr. Waugh, como é possível o senhor ser católico e, ao mesmo tempo, ter um feito tão insuportável?” E ele, com honestidade tocante, respondia: “Minha senhora, se não fosse o catolicismo, eu dificilmente seria um ser humano.” Faço minhas as palavras dele: o melhor de mim devo-o à generosidade e à tolerância das mulheres, que praticamente fizeram de mim um ser humano.

**Ainda o assunto terapeuta: como foi lá parar? Confesse uma página das suas angústias.**

Mas eu já confessei. E por escrito. Creio, até, que o texto está no meu livro *Avenida Paulista*,

com o título absurdamente heróico de *A Conquista da Noite*. Está a ver como não falo apenas da Muralha da China? Basicamente, fui lá parar porque perdi o sono, há muitos anos. Durante vários dias, fiquei a olhar para o tecto. A coisa preocupou-me e, sobretudo, deprimiu-me. Não apenas porque a privação do sono é um suplício; mas porque eu tenho um gosto genuíno em dormir. Sou um antiprof. Marcelo, digamos assim, e a privação do sono era como amputarem uma perna ao Cristiano Ronaldo. Como é evidente, deixei de dormir porque, estranhamente, passei a temer o estado de inconsciência; e esse temor, como é ainda mais evidente, revelava um desconforto profundo com a própria ideia da morte, porque o sono é sempre um simulacro da morte.

**Num dicionário de Latim, encontrei três significados para *Nox*; podem ser considerados isoladamente, mas metaforicamente podem também querer dizer a mesma coisa: noite, sono, morte. Há ainda *Deusa da Noite*.**

Os gregos sabiam disso e, não por acaso, fizeram de Thanatos e Hypnos irmãos, filhos da mesma mãe, a deusa Nyx. Mas divago. Não lhe vou contar o filme todo, até porque ele ainda está em exibição no livro – ou, pelo menos, no *site da Folha de S. Paulo*. Avanço directamente para o final: viveram felizes para sempre. Durmo como um anjo, muito obrigado.

**Está à espera que desate à patada? As pessoas, de si, esperam a patada?**

Nada do que eu escrevo me parece particularmente duro ou violento. Mas admito que possa soar duro ou violento na nossa cultura política ou jornalística, que ainda vive na ressaca da ditadura. Como sabe, um dos prodígios do dr. Salazar foi ter removido a política das ruas, dos jornais, dos cafés, até para evitar a loucura revolucionária e confrontacional que dominou a Primeira República. Só que o resultado desse apagamento do político, que é sempre um apagamento do confronto e do pluralismo, produziu estas opiniões moles que hoje são medradas por aí. Opiniões em cima do muro, onde ninguém quer incomodar ninguém e todos querem ser amigos de toda a gente. Se fujo um pouco ao tom melífluo da imprensa portuguesa, acredite, não é virtude minha.

**É obra de quê?**

Foi sorte. Tive a sorte de crescer com o jornalismo brasileiro, que soube importar o melhor do jornalismo anglo-saxónico. Não apenas a prosa enxuta, sem aqueles ridículos “tenho para mim que” ou “na minha óptica”, mas um certo gosto pela liberdade e pela dignidade da opinião. Quando uma vez contei, ao meu editor em São Paulo, que o colonismo português era maioritariamente exercido por membros dos partidos políticos, ele nem queria acreditar. Achava que eu estava a falar, sei lá, do Zimbábwe.

**Provocação, insolência, natureza sulfurosa são o mais *soft* que se pode dizer do seu estilo.**

O Paulo Francis tinha uma frase certa sobre o assunto: “Trato as pessoas como adultas.” Nem mais: o meu “estilo”, como lhe chama, é uma forma de tratar as pessoas como adultas, embora saiba que nem sempre as pessoas gostam de ser tratadas como adultas. Já pensei, aliás, em →





escrever crônicas paralelas: de um lado, a versão “normal”, adulta; do outro, a mesma coluna, mas em versão infantil para não perturbar os estômagos mais sensíveis.

**Isto era um intróito para começar a provocá-lo. Sente-se insultado quando lhe chamam “insolente chic”?**

Sinto-me insultado com a parte do insolente.

**Já agora, e só por curiosidade: sente o quê quando lhe chamam “fascista” e “reaccionário”?**

Não tenho ouvido esses epítetos nos últimos tempos. O que pode significar uma de duas coisas: ou as pessoas estão mais educadas e cultas, o que é altamente duvidoso; ou, então, as minhas “opiniões” acabaram por entrar na corrente sanguínea do debate público. Comecei a escrever no *Independente*, literalmente no século passado. E, nesses tempos primitivos, quando uma pessoa escrevia, sei lá, que o rendimento social de inserção criava uma cultura de dependência e de infantilização dos indivíduos – a velha “tirania democrática” de que falava Tocqueville – aparecia logo uma dúzia de abencerragens a gritar “vem aí o fascismo!” A coisa divertia-me e horrorizava-me, como nos diverte e horroriza ver aqueles esqueletos de dinossauros nos bons museus de História Natural. Mas entretanto, e como dizia o outro, o mundo mudou. Apareceram os blogues, por exemplo, e as opiniões “heréticas” começaram a ser naturais num espaço pluralista. Hoje, sinto-me menos só do que nos tempos do *Independente*. De vez em quando, pode surgir alguém que ainda dispare um “fascista” ou um “reaccionário”. Mas é apenas um tique nervoso, próprio do foro psiquiátrico, não político.

**Qual é a sua definição de um e de outro?**

Por paradoxal que possa parecer, o “fascista”, o “reaccionário” e até o “comunista” são semelhantes. Apresentam um tipo de mentalidade radical que visa destruir o presente para a reconstrução de um mundo ideal. No caso do reaccionário, ele acredita que esse mundo ideal existe no passado: no retorno a um passado arcaico onde não existiam as iniquidades do presente. O fascista ou o comunista, que são irmãos gémeos, acreditam que esse mundo existe no futuro; na construção de uma sociedade futura e imaculada. Mas a atitude de ambos é igual: uma atitude monista e revolucionária. Como sou um conservador, a minha preocupação está precisamente em conservar o presente, não em destruí-lo ou subvertê-lo rumo a um passado ou a um futuro perfeitos. Sou um anticomunista pelos mesmos motivos que sou um antifascista. Porque a noção de perfeição, em política, é conceptual e moralmente aberrante.

**Pergunta seca: por que é que é de direita?**

Resposta seca: porque não sou de esquerda. Porque não acredito na bondade intrínseca da natureza humana. Porque não creio que os homens nasçam livres e, como dizia Rousseau, se encontrem por aí aprisionados. Creio, aliás, no oposto: os homens nascem aprisionados na sua agressividade instintiva e é a sociedade que os civiliza, refina e liberta. E não existe liberdade sem lei, ou seja, sem uma autoridade politicamente constituída e democraticamente eleita. E, também ela, limitada pela lei. De preferência, bem limitada: capaz de exercer as suas funções

soberanas mas sem interferir nas escolhas individuais e legítimas dos indivíduos.

**Qual é o papel do Estado, nesse quadro?**

Não é função do Estado dizer-me como viver; é função do Estado permitir-me viver em segurança e paz. Por minha conta e risco. Como é evidente, sei que isto soa estranho em Portugal: um país onde a pobreza mental e material obriga qualquer um a olhar para o Estado como certas tribos primitivas olhavam para os seus deuses de pedra e bambu. De forma reverente, messiânica. E isto tanto se encontra à esquerda como à direita. Por outro lado, e de forma mais caseira, sou de direita – ou, se preferir, não sou de esquerda – porque não tenho tempo nem paciência para cultivar complexos ideológicos de nenhuma espécie. Nasci depois do 25 de Abril.

**Quer dizer, nasceu em liberdade, não nasceu num regime ditatorial.**

Não fiz parte da ditadura nem defendi nenhuma ditadura de sentido contrário. Salazar, tal como Cunhal, são-me igualmente repulsivos. Mas é necessário entender que Salazar não nasceu do vácuo nem permaneceu por milagre; nasceu da nossa pobreza material e da nossa balbúrdia republicana – exactamente os motivos pelos quais permanece na memória dos nostálgicos: porque a pobreza e a balbúrdia persistem. E, se permaneceu no poder, não foi pelo uso totalitário da repressão e do medo, como na Alemanha ou em Itália. Foi porque o país continua a ser intrinsecamente cobarde e iliberal. A aura de Cunhal, mesmo à direita, explica-se pelas mesmas razões. Fosse Portugal um país mais cioso da democracia pluralista e da liberdade individual e jamais Salazar ou Cunhal teriam a expressão que tiveram e têm.

**Nunca teve um fio anarquista?**

Mas eu tenho vários fios anarquistas. Parafraseando um velho filósofo inglês, Michael Oakeshott, eu sou um anarquista em todas as esferas da vida precisamente porque sou um conservador em política. Quando o poder político está domado e limitado, podemos permitir-nos a todos os luxos. Mas a política não é um luxo; não é uma actividade “criativa”, onde devemos esperar “a imaginação ao poder”. A imaginação e a criatividade devem ser cultivadas noutras esferas da conduta humana. Na intimidade. No futebol. Nas artes. Na culinária. Mas a política lida com a vida de seres humanos. A primeira exigência que se deve fazer ao poder político é ele não confundir a vida de terceiros com as tintas que usamos numa tela. A segunda é ele não interferir com a forma como as pessoas, livremente, pintam a sua tela.

**Cito Oscar Wilde, uma das suas referências: “Se há no mundo alguma coisa mais irritante do que sermos alguém de quem se fala, é ninguém falar de nós.” Ser tão polémico é uma boa maneira de ter sempre alguém a falar de nós...**

Repito o que lhe disse: não é importante que as pessoas falem de mim. O meu negócio é o inverso: ser eu a falar das pessoas; e, através delas, falar de mim.

**Nelson Rodrigues: “Nas velhas gerações, o brasileiro tinha sempre um soneto no bolso. Mas os tempos parnasianos já passaram. →**

“

Tive a sorte de crescer com o jornalismo brasileiro, que soube importar o melhor do jornalismo anglo-saxónico. Não apenas a prosa enxuta, sem aqueles ridículos “tenho para mim que” ou “na minha óptica”, mas um certo gosto pela liberdade e pela dignidade da opinião

”



**Hoje, ferozmente politizado, ele tem sempre à mão um comício.” Por que é que, tendo estudado História de Arte e lendo a literatura e a arte como as suas paixões, do que fala é de política?**

Porque não há literatura ou arte sem política. Isto significa duas coisas. Em primeiro lugar, que é improvável a existência de literatura ou arte sem estarem resolvidos os problemas básicos da condição humana, a começar pela segurança e pela liberdade dos seres humanos. Acredito que no Sudão existam escritores ou pintores em actividade. Mas, como dizia o Bellow, não conheço o Balzac ou o Matisse do Sudão. Por mais desagradável que isto possa soar, sociedades politicamente civilizadas e com um nível material elevado tendem a produzir grande arte.

Eliot tinha inteira razão quando aconselhava o poeta a escrever com Homero sobre os ombros. Mesmo que o poeta escreva contra Homero, contra a tradição, rejeitando tudo para criar tudo outra vez. A literatura e a arte são paixões, sim, mas é a política que as torna possíveis – no sentido prático e filosófico do termo.

**“Nasci adulta, morrerei criança”, é um dos aforismos mais famosos de Agustina. Fala da sua precocidade amiúde. Foi uma criança “adultecida”? Não me diga que brincava com carrinhos...**

Brincava com carrinhos, embora a minha paixão fosse uma espingarda de pressão de ar que o meu pai me ofereceu e com a qual fiz imensos estragos. Janelas, lâmpadas, um primo.

**Por falar nisso, é mesmo verdade que comprou o carro à Marisa Cruz?**

A vendedora disse-me que sim. E eu acreditei. Nestas coisas, convém seguir John Ford: imprima-se a lenda.

**“Quem é o gajo?” Começa assim uma entrevista que lhe fizeram no Brasil e que pode ser vista no YouTube. Então, quem é o gajo?**

Creio que na altura respondi: “Uma alma pura que se confronta com a corrupção do mundo.” Infelizmente, não é possível reproduzir aqui as

gargalhadas insanas do entrevistador brasileiro, que ainda não recuperou completamente.

**Há duas biografias? A da *persona* pública e a privada. A pública escreve para jornais, é professor universitário, polemista empenhado. A privada?**

A privada, curiosamente, é privada. E os leitores desta revista não merecem morrer de tédio.

**A escrita é um modo de fugir ao “modo funcional de viver”?**

A escrita é um modo de vida, ponto final. Não tenho nenhuma visão romântica sobre “isto” – deixo ficar as visões românticas para os amadores. “Isto” é trabalho. “Isto” é escrever quando não temos vontade ou, pior ainda, “inspiração”, essa grotesca palavra. “Isto” é escrever quando temos gripe. “Isto” é escrever quando estamos sóbrios, ressacados ou nem uma coisa nem outra. “Isto” é escrever quando temos o coração partido ou enlevado. “Isto” é escrever, faça chuva ou sol; haja tema ou não; agrade ou não agrade a fulaninho ou sicraninho. Os meus estados de espírito não alteram o trabalho que tem de ser feito; o editor que está à espera para fechar a página; os homens na gráfica que já protestam com o atraso da impressão; os leitores que acordam no dia seguinte, compram o jornal e esperam ser informados ou entretidos, e que se estão razoavelmente nas tintas se é gripe, hipocondria ou coisa mais grave. Claro que, no meio de tudo isto, existe algum prazer e um certo sentido de competência, caso contrário seria impossível: seria impossível acompanhar o ritmo de cinco colunas por semana, às vezes mais; respeitar os prazos; aguentar as horas longas que se passa sozinho.

**De quem é que espera aprovação? Não faça de conta que é auto-suficiente... Há mesmo um momento em que passamos a ser auto-suficientes ou passamos a vida a tentar remendar umas fracturas que estão lá atrás?**

Passamos a vida a tentar remendar as fracturas que estão lá atrás. E convém fazer isso a tempo porque as fracturas tornam-se mais dolorosas e mais profundas com o tempo. Não vale a pena

fugir – ou, como dizia o outro, viajar, perder países. O Jeffrey Bernard, um dos maiores cronistas das últimas décadas, costumava ironizar: onde quer que estejamos, para onde quer que fuçamos, nós também estaremos lá. É por isso que convém ter uma consciência tranquila, ou minimamente tranquila. Vive-se melhor assim. Mas, sobretudo, morre-se melhor assim. Falava disto com a minha irmã, há uns tempos, a propósito de uma pessoa que partiu com uma terrível doença. E eu confessava-lhe o meu espanto perante a coragem estóica dessa pessoa nos últimos tempos de vida. A minha irmã, que sempre foi mais inteligente do que eu e que, além disso, é médica e convive com situações-limite todos os dias, sorriu e disse-me que a coragem não tinha nada a ver com o assunto. Ou, dito de outra forma, o que eu tomava por coragem era, na verdade, uma consciência tranquila. Tão simples e tão difícil quanto isso.

**Quis ser professor em Oxford?**

Que horror. Seria incapaz de viver em Oxford. Gostei de lá ter estado, foi muito útil para a minha tese de doutoramento, desde logo porque pude aprender com o Henry Hardy, que há mais de três décadas é o editor exclusivo do espólio do Isaiah Berlin, meu tema de tese. Mas não tenho nenhum deslumbramento pelo sítio. Falava porque não fui completamente virgem para lá: já tinha viajado muito, já tinha lido muito e Oxford pareceu-me bonitinho mas um pouco claustrofóbico. Além disso, sou um rapaz de cidades e sempre que podia escapava-me para Londres. Para matar saudades do caos físico e existencial que só as cidades permitem.

**Que vida quis para si? Que vida inventou para si?**

A vida que tenho é a vida que quis, inventei e procurei. Nada a lamentar.

**É previsível que os seus alunos vão à procura do cronista. Que pessoa lhes dá?**

Essa pergunta deve ser colocada a eles. Mas é provável que a Anabela fique desiludida, tal como alguns ficam: na universidade sou um professor, não um “colunista”. A separação que faço é absoluta, quase fanática: não é por acaso que, na minha coluna do *Correio da Manhã*, por baixo do nome, surge “colunista” e não, por exemplo, “professor universitário” ou “político”. De igual forma, se um aluno me pergunta o que penso do político X ou Y, agradeço a pergunta e convido-o a tomar café fora da universidade. A única “política” de que falo dentro da universidade é a da área que me compete, ou seja, da Teoria Política. Faço esta separação entre o “professor” e o “colunista” da mesma forma que faria se, fora da Academia, fosse pintor ou trapezista. São mundos diferentes, com regras diferentes. Eu sei que em Portugal não há essa tradição, o que implica que as pessoas levam a universidade para o jornalismo e o jornalismo para a universidade. Resultado: temos mau jornalismo e má universidade.

**Por acaso escreve crónicas. Para ganhar dinheiro? Para ter um certo estatuto público?**

Se a minha ambição na vida fosse ganhar muito dinheiro e ter estatuto público, acha mesmo que teria escolhido o colunismo – este trabalho incerto e ingrato, onde fazemos inimizades todas as semanas? Se a ambição fosse o dinheiro e o





“

De forma mais caseira, sou de direita – ou, se preferir, não sou de esquerda – porque não tenho tempo nem paciência para cultivar complexos ideológicos de nenhuma espécie. Nasci depois do 25 de Abril. Não fiz parte da ditadura nem defendi nenhuma ditadura de sentido contrário

”

estatuto público, acredite, eu teria tido a imaginação e a inteligência suficientes para escolher caminhos mais rápidos. E mais rentáveis.

**O *Independente* e o Miguel Esteves Cardoso foram seminais na sua vida? De que modo?** Foram bons ombros. O *Independente*, o Miguel Esteves Cardoso, mas também a Mónica Bello, a Inês Serra Lopes, o Paulo Pinto Mascarenhas, o Vasco Rosa, o António Barreto e tantos outros foram bons ombros para que eu pudesse subir, aprender, abusar – e aprender a abusar. Portugal não é apenas um país de inveja; é um país de ingratidão, que é uma decorrência da inveja, onde ninguém deve nada a ninguém. Eu, pelo contrário, devo muito ao *Independente* e aos amigos que lá fiz: como diria o herói do M.E.C., eles ensinaram-me a tentar outra vez, a falhar outra vez – e a falhar melhor.

**Escreve para a *Folha* e há quem o aponte como o melhor cronista que se pode ler nos jornais brasileiros. Fica de peito cheio?**

Faço uma vénia e depois regresso à minha toca porque o relógio começa a contagem decrescente para a crónica seguinte. O relógio arrasa com qualquer vaidade, minha senhora.

**Ninguém diz isso em Portugal das coisas que escreve, agora, para o *Correio da Manhã*. Por que é que acha que é assim?**

Com a devida vénia, a doutrina divide-se: tenho leitores que preferem a “opinião” do *Correio da Manhã* à “crónica” da *Folha de S. Paulo*. E vice-versa. Esta talvez seja a principal diferença entre o que faço em Portugal e o que faço no Brasil. Actualmente, não estou a escrever crónicas em Portugal. As últimas que escrevi foram, precisamente, no *Independente*, há oito anos, e foi por causa delas que surgiu o convite para escrever na *Folha* – e para continuar aí o género. No *Expresso* e no *Correio da Manhã* passei a escrever “opinião”, o que é diferente e incomparavelmente mais difícil. Escrever sobre mim e sobre as minhas pessoalíssimas idiossincrasias – no fundo, ser um “cronista” – é uma forma de respiração natural. Analisar a realidade política e escrever sobre ela – no fundo, ser um “colunista” – é uma tarefa que me leva sangue, suor e lágrimas. Isto é sobretudo válido no *Correio da Manhã* e nos 1000 caracteres à disposição. Quando o Octávio Ribeiro me propôs três colunas às sextas, sábados e domingos com essa dimensão, imaginei que a coisa seria simples. Enganei-me e isso vê-se nos bastidores, todas as semanas: escrevo várias versões da mesma coluna e só envio aquela que condensa, nas doses certas, a apresentação de um problema, a crítica ao problema e a síntese, ou seja, o *punch line* que faz a soma das partes. Esta pequena loucura, muito parecida com o trabalho de um relojoeiro, demora-me uma tarde inteira. Dez crónicas da *Folha* são mais fáceis de escrever do que uma só coluna do *Correio da Manhã*.

**É o primeiro a falar do tamanho da sua testa. É o primeiro a praticar o género “não me levo a sério”. Mas a sério: tudo teria sido diferente se fosse parecido com o Gary Cooper?**

Mas quem é que lhe disse que uma testa alta não dá boa cinefilia? Lembre-se do David Lynch no *Eraserhead*.

**Quando googlamos o seu nome, deparamos consigo e com o seu homónimo milionário.**

**Nunca pensou como seria trocar de vida com ele por umas horas?**

Seria horrível. Uma vez escrevi um texto sobre ele, “Quem pensa João Pereira Coutinho que é?”, no *Indy*, onde apresentava uma lista de exigências para que ele pudesse continuar a usar o meu nome impunemente. Coisas modestas, tipo um Steinway, Michelle Pfeiffer sobre o Steinway, etc. Nessa mesma tarde ele ligou-me e disse-me que estava disposto a cumprir algumas exigências, mas não todas: a Michelle, pelos vistos, não podia vir no pacote. Ri alto e simpatizei imediatamente com o cavalheiro. Mas não trocava de vida com ele. Enjojo de barco, tenho algum medo de voar, a única ilha que tolero é Manhattan e ser um grande empresário implica uma capacidade infinita para aturar idiotas a horas obscenas, tipo nove ou dez da manhã. Não me perdoaria semelhante desperdício de tempo.

**Tem um décimo da massa do seu homónimo? Estou a perguntar se é da família e se vai ter um quinhão nas partilhas.**

Fazem-me essa pergunta muitas vezes. Dou várias respostas, consoante o estado de espírito. Uma vez digo que não sou da família; outras, que sou; por vezes, acrescento que fui deserdado; ou então que descendo de um ramo bastardo; ou então que descende ele e eu prefiro nem falar do assunto. E por aí fora. Mas o mais engraçado é que, se calhar, até existe uma raiz comum: o meu “Pereira Coutinho” vem do lado paterno; o meu bisavô era da região do Douro. Creio que a família distante do outro João Pereira Coutinho também era do Norte.

**Há ainda um J.P.C. flautista. O seu instrumento é o piano, que tocou em bares. Que caminhos foram esses?**

Caminhos de vadiagem no meu primeiro ano de Direito. Entrei para Direito por engano e, felizmente, apercebi-me a tempo: quando a turma, com o código na mão, começou a discutir a situação do senhor A, atropelado pelo senhor B, eu resolvi optar pelo senhor C, de “cavanço”. Além disso, desanimei imediatamente quando me disseram que nos tribunais portugueses não existe a tradição americana do júri e não é de bom tom o advogado passear-se pela sala de audiências. Era toda uma memória fílmica que estava a ser atraícoada, e eu não podia tolerar mais aquilo. Então, na companhia de mais quatro vadios, formei um quinteto e, como dizem os brasileiros, por aí fui. Foram tempos divertidos: quando a família me imaginava a ler Vital Moreira, eu passava as minhas noites com Gershwin.

**Com que personagem da mitologia grega se acha parecido?**

Obviamente, com Zeus. Mas o meu objectivo é descer até ao nível de um Apolo.

**Com quem é que gostava de ser parecido?**

Com o Anthony Hopkins no *Homem-Elefante*. Desde que tivesse a alma nobre do paciente dele.

**Uma pergunta, que pode parecer lamechas, mas não é: chora?**

Choro. Todas as Primaveras. “Febre dos fenos.”

**O que é que o magoa profundamente?**

Sapatos apertados. ●

*anabela.mota.ribeiro@publico.pt*

# o que sei sobre as mulheres



PEDRO CUNHA



**Camané, 44 anos, fadista**

**S**ei muito pouco sobre as mulheres. Nalgumas coisas, são diferentes dos homens. São mais reservadas, mais discretas, mais pacientes. São muito corajosas mas é uma coragem diferente da dos homens.

A minha mãe trabalhou sempre em casa e, depois de nós crescermos, quase aos 60 anos, fez um curso de computadores e foi trabalhar com o meu irmão Hélder [Moutinho] para a produtora dele. Deu uma volta diferente na vida e está a fazer-lhe muito bem, tem uma vida extremamente activa. Quando nós éramos novos (o Pedro tinha cinco ou seis anos), ela tratava de nós e também da minha avó, que fazia hemodiálise. Estava muito ocupada. Senti-a muito mais cansada e saturada quando estava connosco lá em casa do que agora. Nós éramos três rapazes nada fáceis. Nesse tempo, notei muitas vezes saturação nela, e hoje não sinto nada disso, sinto que tem vontade de fazer coisas e faz tudo para se sentir bem.

Realmente a minha mãe é mais paciente do que o meu pai, consegue relativizar, não dá importância a coisas que não têm importância nenhuma. O meu pai é mais complicado e nesse aspecto eu sou mais parecido com ele. Também tenho muita dificuldade em conseguir deixar de ouvir a minha cabeça, os meus fantasmas.

As mulheres são mais práticas, têm um sentido de organização incrível. Nas relações que tive, nunca fui daquelas pessoas que acham que as mulheres é que

fazem as coisas em casa. No fundo eu sempre cozinhei mais do que elas. Gosto de cozinhar, mas tenho poucos pratos que sei fazer.

Também há homens que têm um sentido de organização incrível. Eu não tenho, sou extremamente desorganizado, vou acumulando papéis, toda a sucata. Sou um sucateiro. A minha namorada quando está lá em casa faz montinhos de coisas para eu deitar para o lixo.

Admiro as mulheres que têm vontade própria, gosto imenso de que estejam comigo de igual para igual. Como naquela canção do Caetano Veloso: “Eu quero é ir-me embora e quero que você venha comigo.” Quero que você faça coisas, quero que você viva e partilhe. Para mim, essa partilha é fantástica. Sempre admirei isso, é uma das coisas que me atraem numa mulher, esse estar ao lado em todos os sentidos, fazer por si também, é fantástico.

O que me atrai primeiro numa mulher é a beleza. A inteligência também, a sensibilidade, o charme. Houve uma altura em que eu dizia que gostava de jantar com a Marlene Dietrich e de namorar com a Ingrid Bergman. Com a Marlene, como sou uma pessoa tímida e reservada, eu ficava só a olhar e ela fazia a conversa toda, o espectáculo todo, e punha-me à vontade. E namorar com a Ingrid Bergman porque é lindíssima. Ou a Grace Kelly.

Gosto muito, muito mesmo de cinema. Vejo em casa, vou à Cinemateca, vou ao cinema sempre que posso. Ultimamente tenho comprado imensos clássicos. Alguns já tinha visto há muitos anos, não me lembrava

deles. Quando era pequeno, ia a um cinema na ADO [Associação Desportiva de Oeiras], uma sala com bancos corridos. Tudo o que era miúdo ia para lá ver filmes, havia calduços, ninguém se calava, mas víamos filmes fantásticos: todos os *westerns* com o John Wayne, filmes com o Gregory Peck, alguns do Hitchcock. Mais tarde vim a revê-los. Recentemente, fui buscar 15 filmes e já vi uma data deles, como *O Inimigo Público*, *o La Femme d'à Côté* com a Fanny Ardant, lindíssima. Se uma mulher é bonita, inteligente e representa bem, é uma coisa do outro mundo.

As mulheres que cantaram o fado sempre foram incríveis. Há dias estava a falar com o Becas, meu técnico de som e filho do Carlos do Carmo, e ele disse-me que a Lucília do Carmo foi das primeiras mulheres a conduzir carro em Portugal. Ele conta que a maior festa era, ao fim-de-semana, os netos todos irem passear com a avó Lucília no

descapotável, na Avenida da Liberdade!

No fado, as mulheres sempre foram muito individualistas porque tinham uma vida diferente. Na minha opinião, as fadistas – as artistas em geral – foram as primeiras mulheres a ter uma vida mais evoluída, e até havia uma certa maledicência em relação a elas.

Quando fui para as casas de fado, aos 17 anos, não havia gente nova. Eu era o menino, havia alguns músicos a começar. O Ricardo Rocha tinha uns 12 anos e mais tarde começaram a aparecer guitarristas filhos de outros que conheci no passado.

As fadistas eram mulheres incríveis, nunca viveram em função de ninguém, algumas eram casadas e os maridos aceitavam essa condição de viver à noite e respeitavam-nas. Aquilo era o trabalho delas.

Estou habituado a relacionar-me com mulheres emancipadas, muito para a frente, desde muito novo. Nessa altura, convivi com muitas, como a Argentina Santos, a Lídia Ribeiro, a Beatriz da Conceição, a Maria da Fé, a Ada de Castro, a Maria Armanda, a Lenita Gentil, pessoas que tinham a sua própria vida ao nível do trabalho. Mulheres incríveis que tinham imensas histórias para contar.

No fundo, o amor continua a ser o tema principal do fado: o amor às mulheres, o amor à vida, o amor a tudo o que faz parte da vida. ●

[anasdiasg@gmail.com](mailto:anasdiasg@gmail.com)

A partir de uma entrevista com o cantor

“  
**Houve uma altura em que eu dizia que gostava de jantar com a Marlene Dietrich e de namorar com a Ingrid Bergman**  
”

# Camané

## O talentoso sr. Ford

*Numa década, trouxe o sexy de volta à Gucci e Yves Saint Laurent. Depois, fez roupa de homem, publicidade provocadora e realizou um filme de prestígio. Na era Facebook, voltou à roupa feminina fugindo à Internet e fará uma comédia.*

Texto Joana Amaral Cardoso

**H**á toda uma geração que não conhece o valor da espera. Os nativos da Internet, e mesmo os trintões que os precedem, já só sabem viver sem surpresas – a não ser que uma *flashmob* os atinja na cabeça. E mesmo elas já perderam a sua espuma, banalizadas e anunciadas pela comunicação social mais corriqueira. Tom Ford está farto disso. No fundo, o senhor criador de moda que ressuscitou a Gucci nos anos 1990 e que depois foi fazer filmes decidiu voltar aos básicos. E fazer uma coisinha simples, um desfilezito só para cem dos seus mais íntimos amigos, e não convidar a (generalidade da) imprensa. Durante três meses, conseguiu o que queria: segredo e expectativa. E, sobretudo, ausência de imagem.

Como é que a indústria da imagem aguentou esta afronta? Com leveza, claro. Afinal, ele convidou a imprensa – as editoras das principais revistas de moda internacionais, algumas jornalistas veteranas e respeitadas da imprensa generalista, e muitas mulheres-inspiração para desfilarem. Todas viram as estrelas desfilarem com a nova colecção feminina de Primavera/Verão 2011 de Tom Ford, que não desenhava uma linha assim, de mulher, há seis anos.

E depois, em Dezembro, começaram a pingar as preciosas gotas de néctar publicitário para o talentoso sr. Ford: várias páginas de *Vogue* americana com elogios rasgados da implacável editora da revista (sim, o diabo que veste Prada), que critica a actual forma de pôr a moda nas *passerelles* como “um exercício de *branding* banal”; mais um exclusivo para a *Harper's Bazaar* britânica; mais uma capa da *Vogue* sul-coreana... e os *sites*, fervorosos, a publicar o recém-divulgado vídeo da colecção.

Ora viremos a objectiva para o microcosmos da moda e pensemos na grande angular que sobre ela (também) se abateu na última década: seis meses antes de chegarem às lojas, as colecções são apresentadas em desfiles ou eventos com centenas de jornalistas e bloguistas a assistir e que se desdobram em fotos, comentários e (pouca) crítica sólida sobre o que viram e o que, teoricamente, se irá usar na estação seguinte. Fotos por todo o lado, divulgação, cópia, bocejos. Junte-se a isto a triunfal ocupação pela moda de rua e seus cronistas (com Scott Schuman, do blogue *The Sartorialist*, e Garance Doré no púlpito mais elevado), do trono da realeza da moda que sempre devia ter sido seu e obtemos uma amálgama de informação e produção de moda mais ou

menos amadora de que, postula o Papa Ford, ninguém sai vencedor.

“Não percebo a necessidade que todos têm de ver tudo *online* no dia a seguir ao desfile”, disse à *Vogue* americana em Dezembro. “Penso que isso não serve o cliente, que é todo o objectivo do meu negócio – e não servir os jornalistas e o sistema da moda. Lançar alguma coisa que vai estar nas lojas daí a seis meses e vê-la numa *starlet*, classificada na *US Weekly* [uma revista cor-de-rosa] na semana seguinte? A minha cliente não quer usar a mesma coisa que viu numa *starlet*!”

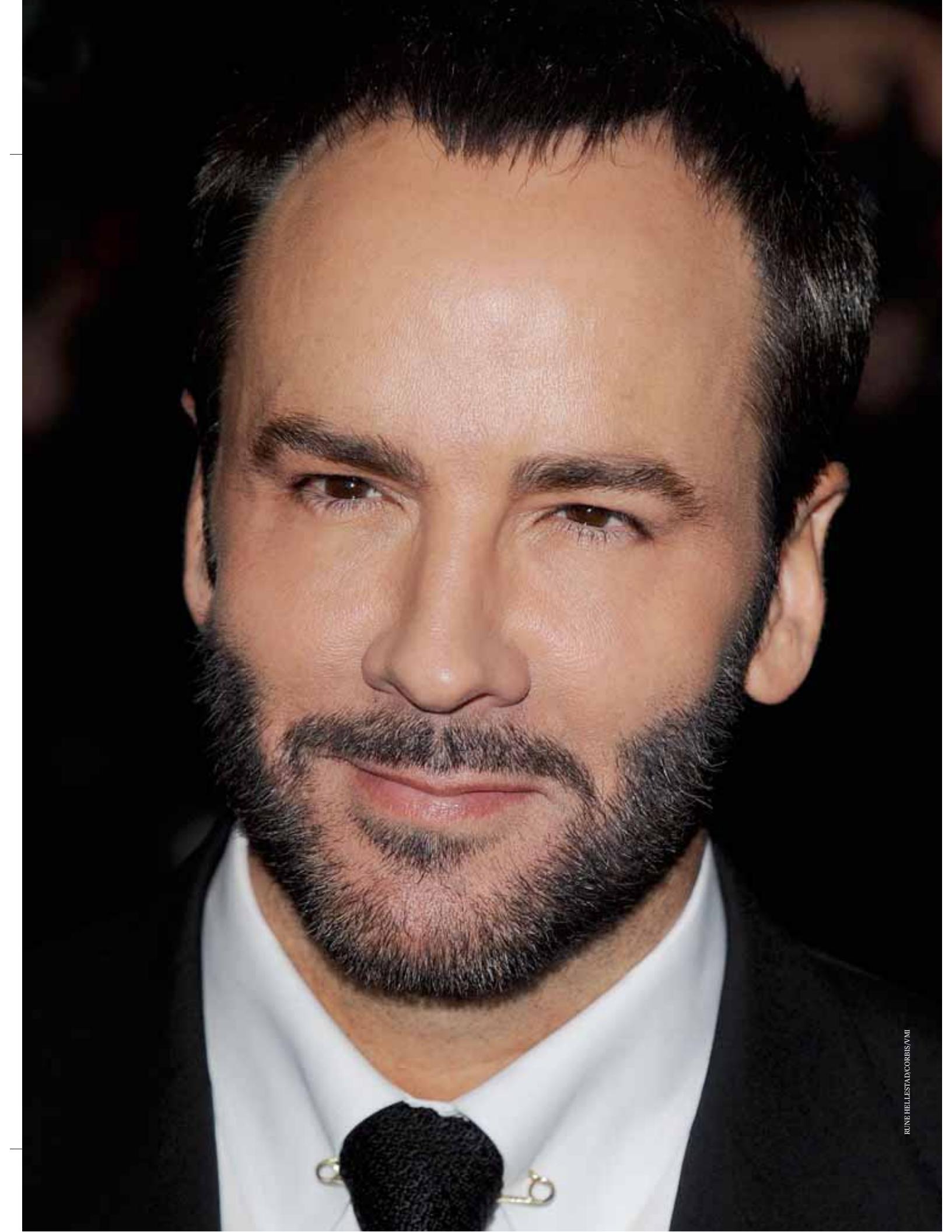
### Evento anti-H&M

O evento em si é daqueles que fazem salivar a imprensa e os blogues, tão habituados hoje a um acesso quase total aos básicos deste sector – o desfile, a festa, o contacto com algumas das estrelas que os rodeiam, a possibilidade de registar tudo em vídeo e imagem saída do bolso via telemóvel. Mas este foi diferente, como que a sacudir os rumores de que Tom Ford faria uma linha com a H&M e a mostrar que ele, aos 49 anos, é um senhor e um senhor que convida cem pessoas para qualquer coisa na sua loja de roupa de homem na Madison Avenue (sim, a que põe o *Mad em Mad Men*) que se revela ser um desfile com Lauren Hutton,

Beyoncé, Marisa Berenson, todo um *best-of* de supermodelos e a sua eterna amiga Julianne Moore na *passerelle*. Nem elas, conta a actriz de *Um Homem Singular* (2009), sabiam ao que iam. Terry Richardson, o fotógrafo polemista, estava ao serviço e o resto foi uma festa da qual só sobrevivem algumas imagens *online* – tiradas com o telemóvel da jornalista do *New York Times*, por exemplo, o vídeo libertado há algumas semanas e as páginas irreproduzíveis do *site* de Ford – e os exclusivos das revistas. As máquinas fotográficas e as câmaras não eram permitidas na loja – ou devíamos dizer na festa?

“Se eu pudesse ter as minhas roupas nas lojas passado um mês [do desfile de apresentação], tê-las-ia imediatamente na Internet, →

**Ford quer minar um sistema que ajudou a montar: o dos visuais icónicos nas passarelas vermelhas, o ciclo mediático**



# moda



2010

2004

2000

1995

Ford é sexo: desde a campanha para a sua marca de óculos em 2010 à última colecção na Gucci em 2004, passando pela androginia de 1995

mas como não posso tê-las na loja durante cinco meses, por que é que iriam para a Internet?”, questiona-se Ford no *Independent*. “Por que é que eu ajudaria a H&M a perceber que o leopardo é a aposta certa para esta estação?”, alfineta.

O homem que na era do grunge e do minimalismo pós-80s pôs Madonna ou Gwyneth Paltrow de calças e tornou a androginia *sexy* quer minar com um sistema que ajudou a montar: o dos visuais icónicos nas passadeiras vermelhas pré-prêmios, o dos vestidos objecto de desejo, o do ciclo mediático que já não passa sem a incompreensível pergunta: “Quem é que tem vestido?”. Agora, o designer propala a ideia de roupa para as tais “mulheres verdadeiras”, dos clássicos intemporais (“a moda não tem de mudar a cada cinco minutos”) e acha que a mulher Gucci que criou entre 1994 e 2004 “é demasiado *trendy*”. De permeio ainda tratou das colecções de pronto-a-vestir da Yves Saint Laurent desde 1999 e entrou num ritmo que lhe deu muitos prémios mas também um cansaço em relação ao sector – 15 colecções masculinas e femininas por ano para as duas etiquetas, perfumes, óculos, anúncios sensuais e chocantes e uma revalorização das marcas no grupo de luxo Pinault-Printemps-Redoute ao nível dos milhares de milhões de euros.

## Sobreexposição

O que está hoje a fazer, na verdade, é um bem sucedido golpe publicitário com um cheirinho a exclusividade e luxo que evoca os seus tempos áureos, aqueles em que sexualizava tudo e imaginava produtos superfluamente essenciais para um certo estilo de vida – como um papel de parede Gucci. A colecção está à venda apenas num punhado das suas lojas e anunciou já, por exemplo, que só vai oferecer um vestido a uma das nomeadas para os Óscares de Fevereiro. E, no futuro, não vai apresentar as colecções a qualquer pessoa – só editores reconhecidos, nada de jornais e muito menos blogues. “Há uma

sobreexposição”, desabafou ao *Women's Wear Daily*, o jornal de referência profissional no sector da moda.

Capa da revista *Out* deste mês com o seu companheiro de 24 anos, Richard Buckley, o sr. Ford ganhou novo alento em 2009. Realizou e co-escreveu o muito bem recebido *Um Homem Singular*, Colin Firth foi nomeado para o Óscar de Melhor Actor pelo seu papel de um homossexual viúvo e Ford estava presente em tudo no seu filme – do *casting* à montagem e financiamento. “Foi o meu filme de *homo-angst*”, disse, considerando que o filme é o “maior dos projectos de design. Há uma permanência no cinema que falta à moda”.

Também já tinha feito James Bond, vestindo Daniel Craig em *Quantum of Solace* (2008), e já era adorado pela tribo da moda e por Hollywood (na capa da *Vanity Fair* posava com as estrelas que vestia, com Keira Knightley e Scarlett Johansson nuas a seu lado). Com *Um Homem Singular*, ficou caucionado e passou a integrar outro tipo de elite criativa. Agora, como deixou escapar Colin Firth há semanas e como Ford confirmou à *Vogue* norte-americana, Ford está a tratar de outro filme.

Com a mesma dedicação e um certo grau de provocação, anuncia: “Agora estou a filmar outro. Estou a escrever o guião – uma comédia. Apetece-me sorrir e divertir-me.” O que será uma comédia, nos tempos do humor sem pruridos de Judd Apatow e companhia (*Virgem aos 40 anos*, *Um Azar do Caraças* e o sucedâneo *A Ressaca*, de Todd Phillips), nas mãos de Ford? ●

P.S. – Sobre a colecção feminina apresentada em tanto *secretismo*, *ironicamente* agora só os meios online podem mostrá-la em vídeo ou em páginas promocionais das revistas de moda. É sensual, cheia de brilhos, elegante e com um toque rockeiro. Uma festa à espera de acontecer e um sucesso junto dos editores de moda que a vislumbraram numa noite de Setembro. O vídeo está aqui: <http://www.tomford.com/#/en/thebrand/video?id=0>

joana.cardoso@publico.pt

# repórter à solta

Paulo Moura



## Anjos de Port-au-Prince

# N

um promontório de Port-au-Prince, as crianças deficientes do orfanato Village Espoir olhavam serenamente a cidade em ruínas.

Cordilheiras de entulho e cadáveres a arder, avessos obscenos, plasmas orgânicos e minerais, o humano e o que lhe pertence, naturalmente fundidos.

Os mortos ainda tinham os braços levantados, os olhos abertos. Imobilizados no preciso momento em que o ímpeto vital lhes foi mais intenso. O momento decisivo.

A cidade estava aos pedaços e as pessoas vagueavam em terror sobre os escombros, mas não em qualquer zona. Algumas permaneciam inexplicavelmente vazias. Tornaram-se de súbito inóspitas, mesmo para quem sempre lá viveu.

É curioso como, ao se envolverem de morte, as pedras se tornaram vivas como monstros. Era preciso coragem para as olhar de frente, e muitos não a tinham. As ilusões de óptica são traiçoeiras. O que parece um ferro torcido pode ser o braço de um irmão. O pedaço de um pneu rasgado pode ser a cabeça de um filho. Nunca se sabe o que se vai encontrar por baixo de uma placa de betão, no interior de um carro esmagado. Ou quem.

A certas zonas não se ia. Era melhor deixá-las no seu zumbido, o seu monólogo, os seus sinistros enredos telúricos. Um ser humano não tinha nada a fazer ali.

Subi ao ponto mais alto da cidade, de onde se via tudo. No orfanato Village Espoir um grupo de crianças fora colocado à parte. Eram uns 20 meninos e meninas em cadeiras de rodas, dispostos num terreno ao ar livre. Estavam ao sol, abrasador, e as moscas atacavam os que tinham mais dificuldades em se mover. Uns eram paraplégicos, outros vítimas de poliomielite, tinham os membros paralisados ou

deformidades no corpo. Uns eram esqueléticos, outros faziam movimentos espasmódicos, mas nenhum me pareceu estar triste.

Olhavam a cidade destruída como se fosse um mundo que não era o seu. Como se o espetáculo da tragédia absoluta fosse para eles até motivo de algum divertimento. Talvez o alheamento ou a falta de discernimento se devessem às suas doenças, mas a verdade é que os meninos deficientes da Village Espoir sorriam. Os seus olhos negros e remelentos pareciam dizer: já cá estávamos. Isto para nós não é nada.

A sua incapacidade e dependência não os levava a estarem aflitos. Tal como na noite cerrada um cego é o único que vê, eles pareciam encontrar na catástrofe o seu elemento. Ao contrário do que aconteceu com as outras pessoas, na sua vida nada mudou, excepto a própria diferença.

Um artista que conheci em Port-au-Prince disse-me que, depois do terramoto, as pessoas passaram a olhar-se de forma diferente. Pela sua desmesura, o sismo foi sentido como um destino para todos, e a sobrevivência como um milagre.

Ter sido poupado equivalia a uma insuportável cumplicidade com o monstro, e talvez por isso tantos testemunhos falem da felicidade, não de ter escapado, mas de ter renascido. É essa a forma como as pessoas se olham – como se nunca se tivessem olhado.

A sociedade haitiana é violenta e não ficou melhor depois do terramoto, mas agora os homens fitam-se com um certo assombro. Um respeito que as circunstâncias impõem.

Cada ser humano é um prodígio. E é à luz desta lógica nova que não faz diferença nenhuma ser-se normal ou uma criança numa cadeira de rodas.

Agora, como nunca, naquele monte de onde se avista a cidade em escombros, os meninos deficientes do Haiti são anjos como todos os outros. ●

**Pela sua desmesura, o sismo foi sentido como um destino para todos, e a sobrevivência como um milagre**

*Jornalista  
paulo.moura@publico.pt*

## Assados no forno que nos alegram

Texto **David Lopes Ramos** Produção e fotografia **Hugo Campos**

**N**ós, portugueses, somos muito devotos dos assados de forno. E, então, se for em forno de padeiro, nem se fala! Um leitão, de pele estaladiça, brilhante como uma vidraça limpa – quem há por aí que negue tratar-se de um dos mais apetecíveis e apetitosos assados de forno da nossa terra? Na Bairrada, há alguns assadores que são catadráticos nesta arte difícil. E um cabritinho, temperado de forma a realçar-lhe a suculência e a delicadeza da carne, rodeado de batatinhas novas, se o apanharmos à saída do forno, é capaz de nos comover até à furtiva lágrima.

Embora os fornos, quer os de padeiro, quer os dos fogões das nossas casas, tenham uma utilização intensa e diversificada, pois é neles que se confeccionam os vários tipos de pão, uma sopas secas, arrozos deliciosos, bolas, folares, pratos de bacalhau ou de peixes como pargos, garoupas, chicharros, douradas, robalos ou sargos (só para dar alguns exemplos), ou bolaria doce da mais diversa, é na assadura de galos, frangos e capões, perus, gansos, coelhos, borregos e anhos que pensamos quando falamos nos assados de forno. Também, como é o caso das receitas de hoje, de tassalhos de carne de vaca ou de porco.

Estas são as confeções da nossa memória gustativa, ligada aos almoços de domingo e aos momentos mais festivos da vida familiar

(nascimentos, casamentos, aniversários) ou da vida colectiva (festas do pardieiro da terra, Natal e Páscoa). Nos assados de forno clássicos, os que fazem parte da chamada cozinha tradicional portuguesa, o tempo de confecção é prolongado, nunca menos de duas horas, e a temperatura do forno é alta, 200 e mais graus centígrados. Modernamente, defende-se, para manter os melhores aromas e a suculência de peixes e de carnes, o recurso ou a assaduras muito prolongadas e baixa temperatura ou, então, a abreviar a cozedura recorrendo a temperaturas bem altas. Todas as regras, porém, têm excepções. Um leitão assado a baixa temperatura não é bom, a carne fica mole e a pele elástica. O rosbife, por seu lado, exige confecção rápida e muita atenção à temperatura que a carne atinge no interior, para evitar que seque.

Parece que tudo começou com a descoberta do fogo e a constatação de que a carne dos bichos primitivos ficava mais acessível aos dentes e era mais saborosa se passada pelas brasas. Até à descoberta do forno e à sofisticação das artes de cozinha e do gosto demorou uns tempos. Mas a humanidade, embora por vezes tenha manifestações de impaciência, sabe esperar e usar o tempo a seu favor. Até que chegámos aos assados de forno. Regalemo-nos, então, com eles. ●

*david.lopes.ramos@publico.pt*





Gurtpol



## Lombo de porco

### Ingredientes

700g de lombo de porco  
Sal q.b.  
Azeite q.b.  
2 colheres de sopa de mel  
2 colheres de sopa de soja  
4 peras rijas

### Preparação

Numa frigideira grande, com um pouco de gordura, azeite por exemplo, doure a carne de todos os lados com uma temperatura alta. Coloque o lombo num tabuleiro de forno. Tempere com sal e regue com um fio de azeite. Leve a assar durante cerca de 1 hora. A meio da cozedura, regue com um pouco de vinho branco. Misture o mel com o molho de soja e, 10 minutos antes do final da cozedura, pincele toda a superfície da carne. Deixe caramelizar.

Acompanhe a carne com as peras assadas cortadas às rodelas.

## Rosbife com mostarda

### Ingredientes

1kg de rosbife  
3 dentes de alho  
Sal q.b.  
Mostarda com grãos q.b.  
Azeite q.b.

### Preparação

Tempere a carne com sal e com os dentes de alho picados. Numa frigideira com um pouco de azeite, sele a carne em lume alto. Esfregue a carne com a mostarda, coloque-a num tabuleiro de forno e regue com um fio de azeite. Leve ao forno pré-aquecido a 220°C durante cerca de 45 minutos. Com um termómetro de sonda, verifique a temperatura interior da carne, que deve chegar apenas aos 55/60°C.



## Lombo de coelho assado

### Ingredientes

Lombo de 1 coelho  
130g de castanhas  
200g de broa  
Azeite q.b.  
Salsa q.b.  
65g de *bacon*  
2 dentes de alho

### Preparação

Triture a broa. Amasse com o azeite, em quantidade suficiente, e a salsa picada para obter um granulado mole.

Coza as castanhas, descasque e pique-as juntamente com o *bacon* e os dentes de alho. Salteie numa frigideira com um fio de azeite.

Abra o lombo do coelho e recheie com o preparado de castanhas. Enrole, coloque dentro de um tabuleiro de forno regado com um pouco de azeite e cubra totalmente com a broa.

Leve ao forno a assar até estar dourado.



André da Loba ilustrou um poema de Charles Cros, escrito em 1872.  
É a primeira colaboração da Bruuá com ilustradores portugueses



## Ruído na edição infantil

*Um professor e uma designer criaram uma editora de livros ilustrados. Chamaram-lhe Bruuá, para provocar “um ruído novo na edição infantil”. Já lançaram nove títulos. O mais recente, O Arenque Fumado, nem sequer é um livro.*

Texto Rita Pimenta



## No segmento do livro ilustrado infanto-juvenil, existem imensas faltas em Portugal, historicamente falando

**A**té agora só editaram livros de que gostam. Começaram pelo autor Shel Silverstein e *A Árvore Generosa*, em 2008. Correu bem. Venderam 6500 exemplares e a quarta edição deve aparecer este ano. “São livros que respeitam o leitor, que vão ao seu encontro de uma forma sincera. Tanto a nível de texto como de ilustração. São obras de partilha e descoberta”, diz Miguel Gouveia, que gere a Bruuá, Edição e Design com Cláudia Lopes.

Certos de que não estão a “explorar uma área virgem”, perceberam no entanto “que havia falta de publicação de autores e ilustradores que nunca chegaram a Portugal”. Uma falta que dizem ainda perdurar. Nesse sentido, trabalham “com um espírito de quase obrigatoriedade de dar o melhor aos leitores”.

O nome veio do “bruuá que nasce das personagens, dos ruídos das histórias e também como resposta ao bruuá existente na edição infantil, na tentativa de criar um bruuá novo”. Têm conseguido.

Livros como *Eu Espero...* (Davide Cali e Serge Bloch) ou *A Grande Questão* (Wolf Erlbruch)

são de grande qualidade e foram bem acolhidos pelo público português, de várias idades. Este último título está esgotado. O autor, Wolf Erlbruch, expôs aliás uma série de originais na última edição da *Ilustrarte*, no Museu da Electricidade (Lisboa).

Mas todos os títulos do ainda pequeno catálogo da editora dão a conhecer talentos especiais. É difícil uma criança ficar indiferente a *O Livro Negro das Cores* (de Menena Cottin e Rosana Faria), que se espera seja lido com as mãos, para que a experiência se aproxime da vivida pelo protagonista, um rapaz invisual, que “gosta de todas as cores porque as ouve, cheira, toca e saboreia”. As páginas são negras e as ilustrações em relevo, para se sentir cada cor através do tacto. Uma obra internacionalmente muito premiada.

Também *o Popville* (Anouck Boisrobert e Louis Rigaud) tem sido muito bem recebido. Um *pop-up* que “surgiu contracorrente, numa verdadeira lição de rara sobriedade e elegância gráfica”.

### O livreiro-obstáculo

Miguel Gouveia, 35 anos, era professor de Português e Inglês em Carcavelos, mas cansou-se. “Desde os 18 anos que ando

com a mala às costas, primeiro enquanto estudante, depois enquanto professor. Já estava farto. E, depois de alguns anos de casamento de fim-de-semana, decidimos que era altura de parar e pensar na possibilidade de termos algo nosso, que nos desse muito prazer fazer e que aliasse os saberes dos dois. E assim aconteceu a Bruuá.”

Cláudia Lopes, 34 anos, designer, trabalhava para várias empresas em Coimbra. Largou tudo e voltou às origens, à Figueira da Foz. É lá que mora a Bruuá. “Estamos satisfeitos com este começo. Os resultados começam a aparecer”, diz. E acrescenta: “É um privilégio não ter de fazer viagens. Aumenta muito a qualidade de vida.”

Quiseram montar um negócio juntos e viver dele. Para já, está a ser possível. “É uma luta difícil, como todos os empresários lhe dirão, é assim que vai a lengalenga. Mas consegue-se”, prossegue o “aprendiz de editor”. Por vezes, há aquilo a que chama “o livreiro-obstáculo”, que lhes torna a vida muito difícil. “Dependemos do bom trabalho e do bom relacionamento com o livreiro e às vezes não é fácil. É a única coisa de que me queixo.”

Em termos práticos, estamos

a falar de quê? “Do simples facto de os livros terem sido vendidos e não serem pagos. Foram facturados e as facturas, que têm 30 dias para ser pagas, demoram, 60, 90, 120. Para nós, que temos oito títulos a rodar (começou agora um nono), qualquer quantia é muito importante. Enquanto ‘micro-micro-editora’, faz muita falta. Porque 50 euros aqui, 20 acolá, 100 acolí... é muito difícil de suportar.”

Miguel Gouveia também salienta (e agradece) o facto de haver “muitos bons livreiros e gente muito recta”. Observação feita com sincero reconhecimento pelos bons profissionais com quem contacta.

Os resultados positivos do negócio irão permitir por exemplo a ida a uma ou outra feira internacional de edição, algo que até agora não aconteceu. Tudo se tem passado via Internet: escolhas, encomendas, contratos, negociações de direitos.

Há alguns casos em que a facilidade de negociação até os surpreende: “*O Popville*, que teve um sucesso extraordinário em todo o mundo e foi relativamente fácil publicar. Foi impresso na Ásia, uma co-edição, mas foi fácil. *O Eu Espero...*, como já tinha sido publicado há dois ou três anos, →



## O Arenque Fumado

Texto Charles Cros;  
tradução Miguel  
Gouveia e Helder  
Guégués; ilustração  
André da Loba; €9,90

## Popville

Texto Joy Sorman;  
ilustração Anouck  
Boisrobert e Louis  
Rigaud; tradução Helder  
Guégués; €16,50



## A Árvore Generosa

Texto e ilustração  
Shel Silverstein;  
tradução Miguel  
Gouveia; €13,93

## A Grande Questão

Texto e ilustração  
Wolf Erlbruch;  
tradução Miguel  
Gouveia; €15,09

## Eu Espero...

Texto Davide Cali;  
ilustração Serge Bloch;  
tradução Miguel  
Gouveia; €13,73

também não deu problemas. E admiramo-nos como 'ninguém lhe pegou'. Para nós, ótimo!"

Gostariam de publicar a autora checa Kveta Pacovská, mas os livros são caros de produzir, "há muitos custos extra". No segmento em que trabalham, o livro ilustrado, infanto-juvenil, "existem imensas faltas, historicamente falando, e é muito difícil para nós escolher um livro, porque significa uma escolha entre tanta coisa passível de publicar e que nós gostaríamos, mas o nosso tamanho não nos permite fazê-lo". Ainda. "Por isso, vamos primeiro 'aos grandes amores', para depois passarmos 'aos amores seguintes'. Temos muitos amores 'à primeira vista' que se tornam possíveis."

No entanto, também lhes acontece encomendar 20 livros que os apaixonaram apenas pela avaliação da capa e, no final, só se aproveitar um ou dois: "Há capas que enganam." Mas preferem sempre arriscar.

Agora, algo completamente diferente: *O Arenque Fumado*. Pela primeira vez, não se trata de um livro "pré-fabricado" que se compra, traduz e publica. Mas de um poema "antigo" acompanhado com o trabalho de um ilustrador português, André da Loba.

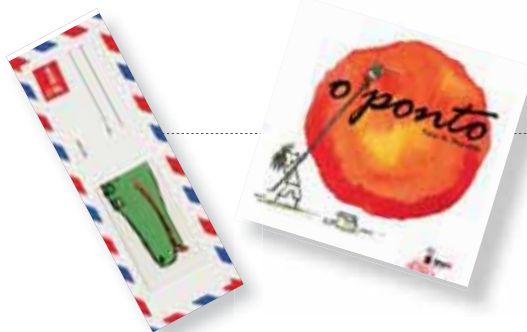
*O Arenque Fumado* é um livro? "Não. É um objecto-livro, um livro-objecto. Um objecto que entra num jogo com o próprio

poema e essa foi a intenção inicial, mas não se pode chamar um livro na sua definição técnica."

A verdade é que resultou muito bem e a Bruaá inicia assim a colaboração com ilustradores portugueses. "Há mais um projecto para lançar este ano para um conjunto de histórias e poemas de um autor russo. Vai ser um acontecimento editorial e acho que encontrámos o ilustrador certo. É uma experiência nova porque até aqui comprámos coisas já feitas. E estamos agora a aventurar-nos neste plano mais criativo." Não dá pormenores, é preciso deixar o calendário avançar.

Certo é que vão continuar um percurso de descoberta que querem "partilhar com o máximo de honestidade e respeito com os leitores, sejam adultos ou crianças". Mas não são líricos: "Isto é um negócio. Se temos de sobreviver à custa de alguma coisa, que seja com algo de que realmente gostamos. Produzir o melhor para oferecer o melhor. Em teoria, era o que todos deveríamos fazer. Se toda a gente fizesse bem o que faz, não precisaríamos de heróis a querer salvar o mundo..." Por isso, repetem: "Tentamos fazer o melhor e dar o melhor aos nossos leitores e aos nossos amigos. É só." Não parece pouco. ●

[rpimenta@publico.pt](mailto:rpimenta@publico.pt)

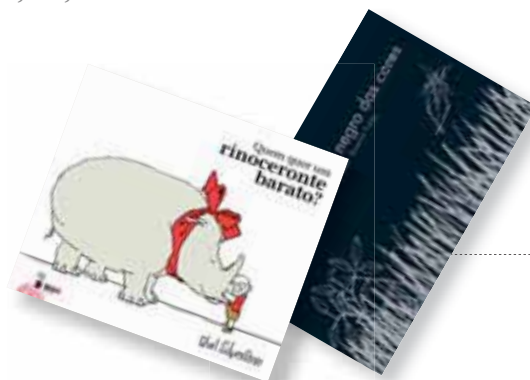


## Lágrimas de Crocodilo

Texto e ilustração  
André François;  
tradução Miguel  
Gouveia; €16,15

## O Ponto

Texto e ilustração  
Peter Reynolds;  
tradução Miguel  
Gouveia; €13,12



## Quem Quer Um Rinoceronte Barato?

Texto e ilustração Shel  
Silverstein; tradução  
Miguel Gouveia; €13,63

## O Livro Negro das Cores

Texto Menena Cottin;  
ilustração Rosana  
Faria; tradução Miguel  
Gouveia; €19,68



## Quarenta e cinco sugestões

# U

m interessante artigo que li recentemente numa revista concorrente a esta – por favor, não contem ao patrão – traz 45 dicas concretas para um ser humano se sentir mais feliz. Na essência e na forma, trata-se de mais uma dessas listas que reúnem um número redondo de coisas que temos absolutamente de fazer de modo a atingir um determinado objectivo. No fundo, uma receita alfa-numérica necessária e suficiente.

**Dar um vale de uma clínica médica de presente a um amigo é algo que me empurraria para uma fase da vida próxima do comprimido azul**

Chamou-me a atenção o facto de a cifra, em si, não ser redonda: 45 em vez de 10, 50 ou 100. Seria a idade do autor? Ou não cabiam mais sugestões nas páginas disponíveis? Cortes orçamentais, talvez? O facto é que aquele numeral, mesmo não sendo primo, encastrou-se-me no intelecto como um objecto estranho e só depois de apreciar a matéria do princípio ao fim – algo que fiz com muito gosto – é que o dissolvi. Da leitura à cobrança foi um pulo, e dei-me instantaneamente a aferir a minha conformidade com a *check-list*. O saldo não está mal. Dos 45 ingredientes de felicidade, já sigo ou pratico 25. Uso sabão azul e branco, como chocolate preto, bocejo à vontade, como frutas, faço exercício, convivo, rio, controlo o peso, não fumo. Nalguns casos, as propostas esbarram em obstáculos. Ensinar os meus filhos a votar – um dos mandamentos – é algo que estou a tentar fazer. Mas a actual eleição para Presidente, num regime em que o referido cargo tem uma grande componente ornamental, não é o melhor pleito para o exercício.

Outro ditame para o bem-estar é arranjar um cartão da biblioteca. Já o fiz, para a Biblioteca Nacional, que entretanto fechou para obras. A reciclagem, também aconselhada, pratico-a há anos, porém com a crescente convicção de que ela obtura-nos a visão quanto ao problema central, que é do consumo em si.

As dicas restantes repartem-se em diferentes categorias aspiracionais. Há cinco que simplesmente não quero seguir. Dar um vale de uma clínica médica de presente a um amigo, por exemplo, é algo que me empurraria definitivamente para uma fase da vida próxima do comprimido azul. Não, ainda não. Por razões adjacentes, declino o *check-up* médico e o rastreio detalhado das doenças da família. Ir a um *spa* também está longe dos meus desejos. E adoptar um animal de estimação, num apartamento, nunca.

Outras cinco atitudes ficam fora do cardápio por serem impossíveis ou não recomendáveis. Cheirar flores, para um alérgico crónico, seria literalmente insano. Dormir bem e controlar o stress só se eu mudar de profissão. Aprender a dançar é para esquecer nessa altura do campeonato, já de lenta reacção músculo-esquelética às ordens do encéfalo. Por prudência ortopédica, deixo igualmente cair os desportos radicais.

De toda a lista, identifico oito itens que tenho mesmo de cumprir, para uma vida melhor. Aí vão: eliminar os detergentes e produtos tóxicos de casa, tirar mais tempo para ouvir os outros, assegurar um “dia cultural”, fazer um curso básico de primeiros socorros, prescindir dos sacos plásticos, ir mais a galerias de arte, organizar o tempo e, por fim, fazer uma lista de coisas “a não fazer”. Gosto particularmente desta última determinação, se bem que, nas actuais circunstâncias, seria necessário deixar de fazer algo para conseguir tempo para elaborar a lista do que não devo fazer – uma charada insolúvel.

Restam ainda duas sugestões que, muito sinceramente, não sei como é possível concretizar. Uma delas é controlar as emoções, uma proposição algo estranha, na verdade, visto que, uma vez domados, os sentimentos deixam de existir. A outra é melhorar a sorte. E aí, meus amigos, quem tiver a receita, que corra com ela para o Euromilhões. As outras 44 sugestões ficarão muito mais fáceis de cumprir. ●

Jornalista  
rgarcia@publico.pt

# tarot da maya

## 16 a 22 de Janeiro



### Peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

XVII A ESTRELA

Não estrague a sua semana sendo negativo ou fomentando hostilidades. No plano afectivo, as relações em curso tendem a viver momentos de harmonia e ternura; novos conhecimentos prometem ser entusiasmantes. No plano material, faça uma gestão sensata do seu património e aceite opiniões ou críticas. Na saúde, não durma mais do que o necessário.

### Carneiro

21 de Março a 20 de Abril

X A RODA DA FORTUNA

A Roda da Fortuna permite-lhe agir com empenho; aproveite os movimentos da conjuntura. No plano afectivo, poderá ter o retorno de atitudes do passado. No plano material, estará perante uma oportunidade profissional que trará melhorias. Na saúde, as convalescenças e recuperações serão rápidas.

### Touro

21 de Abril a 21 de Maio

XX O JULGAMENTO

Nesta semana pode ter de tomar decisões importantes acerca da sua vida. No plano afectivo, não deixe que relações passadas afectem o presente. Período de definições no plano material, pelo que terá de tomar atitudes muito coerentes e decisivas. Na saúde, faça análises com vista a controlar problemas futuros.

### Gêmeos

22 de Maio a 21 de Junho

XI A FORÇA

Beneficiará em canalizar fluidos energéticos em diversas direcções. No plano afectivo, semana algo tensa; tende a procurar motivos para implicar. No plano material, poderá ser confrontado com opiniões que divergem muito das suas, mas tente manter-se calmo. Na saúde, perspectiva-se grande desgaste físico.

### Caranguejo

22 de Junho a 23 de Julho

XIII A TEMPERANÇA

Uma nova luz pode incidir sobre os acontecimentos, mas tudo terá o seu tempo. No plano afectivo, atenção às atitudes que toma, mesmo que esteja certo dos sentimentos dos outros. No plano material, algumas dificuldades no sector financeiro. Semana de alguma instabilidade na saúde.

### Leão

24 de Julho a 23 de Agosto

II A PAPISA

Esta semana terá de aliar prudência e reflexão. No plano afectivo, com o desenrolar dos acontecimentos, muitas coisas podem ainda mudar ou ser clarificadas. No plano material, deve guardar muito bem os seus trunfos e ideias até à última hora. Na saúde, dê mais atenção aos sinais do seu organismo.

### Virgem

24 de Agosto a 23 de Setembro

III O IMPERADOR

Terá forte capacidade de programação, previsão e acção. No plano afectivo, se tem decisões a tomar ou escolhas a fazer, este é o momento certo. No plano material, bom momento profissional e económico, com triunfo facilitado em todos os investimentos. Estime mais a sua saúde.

### Balança

24 de Setembro a 22 de Outubro

VII O CARRO

Semana de boas influências, mas em que se vai sentir algo cansado. No plano afectivo, boa correspondência de sentimentos, mesmo que se relacione com alguém que está longe. No plano material, tome atitudes firmes e não deixe que o questionem. Na saúde, bom momento para intensificar o exercício físico.

### Escorpião

23 de Outubro a 22 de

Novembro

XXII O LOUCO

O Louco envolve riscos, em particular no plano material. No plano afectivo, semana de condução difícil. Tendência a desorganização no plano material. Não conceda empréstimos nem faça investimentos. Possibilidade de responsabilização por acontecimentos antigos. Na saúde, dedique tempo ao lazer.

### Sagitário

23 de Novembro a 21 de

Dezembro

XXI O MUNDO

Período em que estes nativos estão activos, directos e

frontais. No plano afectivo, vai provar que as escolhas que fez recentemente estão certas. No plano material, não receie entrar em novas áreas de actuação, ainda que tenha de delegar competências. Na saúde, deve fazer uma vida muito regrada.

### Capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

V O PAPA

Estará sob boas influências que propiciam expansão. No plano afectivo, dê atenção aos amores; este sector pode trazer-lhe surpresas. No plano material, terá de ser objectivo e tomar posições em função das análises que efectuar. Na saúde, não tome medicamentos sem aconselhamento médico.

### Aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

VI O AMOROSO

A semana revela-se algo confusa para os nativos de Aquário. No plano afectivo, prolongar estados de dúvida só vai prejudicar uma relação. No plano material, poderá sentir-se cansado e não será capaz de terminar com êxito todas as tarefas. Na saúde, controle melhor a sua tensão arterial.



# a nuvem de calças

Rui Cardoso Martins



## Correr pela vida

# N

um desses dias frustrantes em que queremos chegar a horas a uma coisa de que nem me lembro, corro para um táxi. O taxista viu o braço no ar e encostou ao passeio, abro a porta e nem bom dia nem boa tarde:

– O senhor correu para o meu carro.

– Por favor é para...

– Por que é que correu para o meu carro?

Há loucos e santos no taxismo, e também pessoas com quem se pode conversar, mas todos têm uma filosofia lá deles, e desde a história do assobio que estudo as variáveis.

Uma vez ia com uma amiga num táxi e, instigado pelo sol na janela, aquecendo-me o lado esquerdo do raciocínio, soprei Mozart pelos lábios. Só assobio obras que caíram no domínio público, mesmo assim deu problemas:

– O senhor está a assobiar no meu táxi?

– Fiu, hum... Sim.

– A assobiar no meu táxi?!

– Desculpe, qual é o problema? Fiu, fiu, etc.

– Você atreve-se a assobiar no meu táxi!?

– Mas há alguma lei que proíba assobiar num táxi?!

– Não se atreva a assobiar no meu táxi! Olhe que eu!!!

– Você o quê!!!!? Fiu, fiu, etc.

E isto não acabou de mãos no pescoço porque saímos logo. Anos depois, descobro novo drama ético e metafísico num táxi: correr?...

– Corri porque tenho pressa.

– Pois eu, amigo, nunca corro.

– Não corre como?

– Nunca corri na vida, nunca. Nunca ninguém me verá correr.

E explicou, pegando no volante como mousse de chocolate, que devia a saúde mental e física a esse princípio.

– Aquela velhota a correr para o autocarro, a aflição na cara, no coração aos saltos, o que é que ganha com isso?

– Se calhar não chega atrasada.

– Chegou atrasada ao autocarro... Esperava o próximo.

Encostei a cabeça. Conversas a decidir se é para continuar, parte um.

– Mas como se pode levar vida sem nunca correr, neste mundo?

– Não correndo.

– Não pode ser tão fácil.

– Eu nem na caça corro. Os meus amigos achavam impossível. Mas ando, espero, disparo, não corro para a perdiz. Caço tanto ou mais do que os outros. Não preciso correr.

Vi-lhe a testa e pensei: há quanto tempo não suas, testa? Calei-me, contagiado, tantas conversas se fazem a correr, e para quê? Paguei e saí do carro como se entrasse numa película em câmara lenta, nadando com os pés na lua.

– É assim?

– Assim, amigo, não corra.

Mas que farias, homem do táxi, se um terramoto, e um *tsunami*, ou um urso na floresta, ou um leão que fugiu do circo, o urso ou leão correm mais do que tu e nem vale a pena mas mesmo assim, e não corrias pela vida dos teus filhos se um carro se despistasse?, e nunca correste para abraçar a mulher que amas, na praia, no prado, no alcatrão da cidade?

Ou correr só por correr, correr é qualquer coisa da vida, mas ele já deslizava na curva, a nossa corrida de táxi terminara, como esta de a contar. ●

Escritor

[rui.cardoso.martins@publico.pt](mailto:rui.cardoso.martins@publico.pt)

**Só assobio obras que caíram no domínio público, mas mesmo assim deu problemas**

# inquérito

Criado por Miguel Esteves Cardoso, Pedro Mexia e José Diogo Quintela



**Com que idade percebeu que falhou na vida?**

Quanto entrei na faculdade.

**Trata de forma diferente as pessoas feias e as bonitas?**

Eu? Claro que não! Seria uma falta de respeito tratar as mulheres feias de uma maneira e as mulheres bonitas.... Trato.

**Quando está com uma pessoa deficiente, exagera no ignorar da deficiência?**

Exagero sempre... Às vezes até se torna desagradável a minha insistência em experimentar chaves de Jiu-jitsu com essas pessoas.

**Tem números que memorizou no telemóvel só para não atender?**

Nunca atendo números

começados por 91. Não gosto da forma como a Vodafone fala comigo: "TEM OITO DIAS PARA CARREGAR O SEU TELEFONE!" É um aviso ou uma ameaça?

**Com que regularidade se googla?**

Todos os dias! Mas passo sempre pela humilhação de ser corrigido pelo motor de busca do Google: "Será que quis dizer Salvador Farinha?"

**Qual o segundo momento mais marcante da sua vida?**

Foi quando um amigo disse que eu de costas parecia o Balakov.

**Sem ser essa mariquice de morrer a dormir, como é que preferia morrer?**

De qualquer maneira, desde

que não meta um saca-rolhas.

**Agora a sério, alguma vez encolheu a barriga?**

Esta é a única pergunta do questionário que é impossível adivinhar quem fez... Mas respondendo: não, eu sou humorista, posso dar-me ao luxo de ter mau aspecto.

**Já teve problemas com um vizinho?**

Sim, o ressonar de um dos meus vizinhos é *wireless*: no prédio, toda a gente consegue apanhar.

**Quantas vezes já fez amor a uma terça-feira?**

Dia de Liga dos Campeões nunca é um bom dia.

**Já fingiu que não viu um amigo de há 20 anos?**

**Sou muito novo para responder a esta pergunta...**  
Com sete anos ninguém tinha amigos, apenas conhecidos que iam connosco à catequese.

**Quando votou nulo, o que escreveu?**

"Isaltino, obrigado pela ciclovia!"

**Qual é a música mais foleira que canta no duche?**

Eu sabia que este inquérito não podia acabar sem eu falar do Angélico.

**Já ofereceu presentes que lhe foram oferecidos?**

Não faço eu outra coisa... Se não fossem os meus tios, os meus pais nunca recebiam presentes da minha parte.

**Já alguma vez bateu em alguém com razão?**

Sim, mas ele também estava pedi-las. Disse "runião" em vez de reunião.

**Alguma vez sentiu que as pessoas não fazem nada?**

Se não se importam, prefiro não dizer mal dos meus amigos neste inquérito.

**O que faz numa folga num dia de semana?**

Como assim folga? Isso é para maricas.

**Toca-se no banho?**

Qual é a tiragem desta revista? Antes de responder, gostava de saber com quantas pessoas vou deixar de contar.

**Diz salsicha ou salchicha?**

Digo folhado e aponto para a montra.

**Este é um dos três melhores inquéritos a que já respondeu na vida?**

Foi sim senhor! É parecido com aqueles inquéritos da TV *Guia*, mas em bom. ●

## Salvador Martinha

27 anos, humorista



open your mind.



Personalizar um carro: 7,19€



Personalizar um smart com sistema multimédia: 0€



## >> Personaliza o teu smart

Até 28 de Fevereiro oferecemos o equipamento\*

Põe o teu smart à tua imagem com o sistema de multimédia e navegação, sistema de som, jantes de liga leve, computador de bordo, faróis de nevoeiro e muito mais. A 0€, escolhe o teu.

\*Oferta de equipamento até 1.000 € (IVA não incluído), excepto versões pulse e passion e pintura metalizada, compatível com modelo e motorização. Não conversível em dinheiro, descontos ou outros bens/serviços. Válida até 28 Fevereiro 2011.

Consumo (combinado l/100 Km): 3,3. Emissões CO<sub>2</sub>: (g/Km): 86.



harmony

MEDICAL DAY SPA



*Novo*  
**ULTRA SHAPE 23**



Lipoaspiração? Obtenha os mesmos resultados sem agredir o seu organismo, com o método não-invasivo de ULTRASHAPE. Segurança e eficácia clinicamente comprovadas.

DEFINA OS CONTORNOS  
CORPORAIS DE FORMA  
NATURAL.

NÃO PERCA SÓ LIQUIDOS /  
VOLUME, PERCA GORDURA.

POUPE O SEU ORGANISMO  
E TECIDO DÉRMICO  
DAS AGRESSÕES, OPERAÇÕES  
E RECUPERAÇÕES PÓS-  
OPERATÓRIAS.

RESULTADOS LOGO  
NA 1ª SESSÃO E À ALTURA  
DAS SUAS EXPECTATIVAS